



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

JOSUÉ SILVA SABINO

**PESCADORES ARTESANAIS DA PRAIA DO PORTO IMBITUBA/SC:
PERCEPÇÃO E SABERES LOCAIS**

Tubarão

2017

JOSUÉ SILVA SABINO

**PESCADORES ARTESANAIS DA PRAIA DO PORTO IMBITUBA/SC:
PERCEPÇÃO E SABERES LOCAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Geografia da
Universidade do Sul de Santa Catarina
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciado em Geografia

Orientadora: Profa. Fátima Elizabeti Marcomin, Dra.

Tubarão

2017

JOSUÉ SILVA SABINO

**PESCADORES ARTESANAIS DA PRAIA DO PORTO IMBITUBA/SC:
PERCEPÇÃO E SABERES LOCAIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Geografia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Geografia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 06 de dezembro de 2017.

Professora e Orientadora Fátima Elizabeti Marcomin, Dra.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Profa. Samira Martins Pereira, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Agostinho Schneiders, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho à minha família; à meus pais, Mauro César Sabino e Rosângela da Silva Rogério Sabino; minha esposa, Liandra Camila Paz Sabino, que sempre me deram forças para que eu não desistisse dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo fôlego de vida e por todas as vitórias que ele tem me proporcionado;

Agradeço a todos os meus familiares, aos meus pais, por todo o amor e incentivo que me deram nessa caminhada acadêmica, se não fosse por eles não estaria hoje aqui;

Agradeço também à minha avó, por todas as orações, amor e carinho, e à minha esposa, que tem me ajudado nos momentos de dificuldades.

Não poderei esquecer-me de agradecer à minha primeira professora Regiane Oliveira, com ela aprendi os primeiros conceitos da geografia;

Meus agradecimentos ao professor Daniel Assis Freitas, que me inspirou e incentivou para que eu cursasse geografia;

Agradecimentos à professora Michelli Ciani Martins, que abriu as portas de sua sala de aula durante os quatro anos de PIBID, transmitindo-me diversos conhecimentos;

Agradeço à professora e supervisora do PIBID, Clélia Regina Barcelos, que contribuiu ativamente para a minha formação docente;

Agradeço à minha orientadora, professora Doutora Fátima Elizabeti Marcomim, por todo o amor, pelas excelentes orientações, uma profissional espetacular, um exemplo a ser seguido;

Agradeço, também, a todos os professores que conheci ao longo da graduação, em especial aos professores Alexandre de Medeiros Motta, Angelita Maccari, Agostinho Schneiders, Clovis Silva e Leonardo Rodrigues Inácio;

Agradeço à professora Samira Martins Pereira, por ter aceitado participar da banca examinadora deste trabalho;

Agradecimentos aos pescadores artesanais, por terem me recebido em seus galpões de pesca e partilhado seus conhecimentos/saberes.

As escolas Joaquim Ramos e Padre Doutor Itamar Luís da Costa, por toda compreensão e apoio.

Agradeço aos amigos que me acompanharam ao longo dessa jornada: Helena Esmeraldino, Mateus Henrique Miguel e Micheli Torette.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Somos seres historicamente construídos, e capturamos a realidade na medida que somos capazes de concebermo-nos nos nossos próprios mundos” (SATO, 2001, p. 20).

RESUMO

O presente trabalho objetivou compreender a percepção dos pescadores artesanais, da região da Praia do Porto em Imbituba/SC, acerca dos saberes locais (herdados, construídos e transmitidos), visando à valorização de tais saberes e sua inserção como instrumento de Educação Ambiental. Trata-se de pesquisa qualitativa, com ênfase no estudo da percepção fenomenológica. Foram empregadas entrevistas semiestruturadas junto a quatro pescadores tradicionais, gravadas, transcritas e interpretadas à luz de uma adaptação da Análise Textual Discursiva. Alguns resultados: os pescadores possuem conhecimentos atinentes à pesca e à natureza passados de geração em geração; não se reconhecem como sujeitos importantes à comunidade; apresentam um conhecimento empírico de grande importância, além disso trata-se de uma alternativa de reconhecimento da cultura e dos saberes destas comunidades. A valorização dos saberes, a inserção da temática da percepção e dos saberes locais como instrumentos em e para a Educação Ambiental, apresentam-se como possibilidades urgentes.

Palavras-chave: Percepção. Saberes locais. Educação Ambiental.

ABSTRACT

The current work aimed to comprehend the artisanal fishermen perception, in the region of Praia do Porto located in Imbituba in the state of Santa Catarina, about the local knowledge (heritaged, built and transmitted) aiming the appreciation of such knowledge and its insertion as a tool of environmental education. A qualitative research was made emphasizing the phenomenological perception and semi-structured interviews with four tradicional fishermen were performed, recorded, transcribed and interpreted in a light of an adaptation of the discursive textual analysis. Some results: the fishermen have pertinent knowledge related to fishery and nature which are taught from generation to generation; they do not recognize themselves as important individuals to the community; they present an empirical knowledge of great importance, in addition, it is an alternative to recognize the culture and the communities knowledge. Thus, the knowledge appreciation and the insertion of the theme of the local knowledge perception as tools to and for the environmental education have been presented as urgent possibilities.

Keywords: Perception. Local knowledge. Environmental education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Território de Imbituba28

Figura 2 – Local da Pesquisa29

.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	TRANSITANDO PELOS REFERENCIAIS TEÓRICOS	16
2.1	PESCA ARTESANAL	16
2.2	PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	18
2.3	SABERES LOCAIS	24
3	PERCORRENDO O MÉTODO DA PESQUISA	27
3.1	TIPO DE PESQUISA	27
3.2	ÁREA DE ESTUDO	27
3.3	OS SUJEITOS E OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA	29
4	TECENDO RESULTADOS	32
4.1	O PRIMEIRO CONTATO COM OS PESCADORES	32
4.2	AS ENTREVISTAS	33
4.2.1	Nível 1: Auto reconhecimento	34
4.2.2	Nível 2: Saberes sobre a pesca artesanal	35
4.2.3	Nível 3: Saberes sobre a natureza	42
4.2.4	Nível 4: Saberes trabalhados na escola	44
4.2.5	Nível 5: Alterações no ambiente	48
5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	51
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICES	61
	APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista	62
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido	64
	ANEXOS	66
	ANEXO A – Termo de Filmagem e Fotografia, vídeos e gravações	67

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do litoral brasileiro, encontram-se inúmeras comunidades pesqueiras. Nesses vilarejos, agrupam-se diversos pescadores artesanais que utilizam a pesca para consumo e renda. De acordo com dados do Portal Brasil Economia e Emprego (2015), ao longo dos 7,4 mil km de litoral existente no país, acham-se mais de um milhão de pescadores ativos.

Como elucida Diegues (1988, p.44), “a pesca artesanal é definida como aquela em que o pescador, sozinho ou em parcerias, participa diretamente da captura de pescado, utilizando instrumentos relativamente simples.”

A pesca artesanal é a principal fonte de recursos para muitas famílias tanto no litoral, quanto no interior de vários Estados (ABDALLAH; BACHA, 1999). Ela disputa recursos com empresas de pesca industrial, em face da desenvolvida infraestrutura desta última (barcos e recursos de pesca) (MARQUES, 2001). Contudo, a pesca artesanal é de grande contribuição para a produção nacional de pescado, assim como engloba expressivo número de pessoas empregadas nas comunidades pesqueiras.

No país, influenciada pelos grupos étnicos indígenas, negros e portugueses, a pesca artesanal herdou, desses grupos, características de suma importância tanto para a cultura como para a prática da pesca, além de outras (DIEGUES, 1983). Os saberes que permeiam as atividades dos pescadores artesanais têm se tornando, nos últimos anos, mais relevantes não somente à comunidade acadêmica, mas, a de entorno como um todo.

Os saberes que cada pescador traz com ele, ligado ao ambiente que vive, são obtidos através da relação entre o pescador e a natureza. “[...] através das representações que os pescadores constroem sobre o ambiente e sobre as espécies de pescado, o conhecimento tradicional, ou “saber-fazer”, pode ser entendido como um meio de produção, necessário ao desenvolvimento da atividade.” (PASQUOTTO, 2005, p.14).

É importante destacar que além dos saberes relacionados à espécies de peixes, os pescadores possuem conhecimentos baseados nas experiências e observações em relação ao ambiente que utiliza para a prática da atividade pesqueira, entendendo a dinâmica do deslocamento das marés, os diferentes

lugares apropriados para cada tipo de pescado e, utilizando, assim, toda essa gama de conhecimento herdada e construída ao longo dos anos para um melhor método de captura dos pescados para cada lugar ou situação. (DIEGUES, 1983).

O presente tema justifica-se por algumas razões: pela importância da valorização dos saberes locais (herdados, construídos e transmitidos) pelos pescadores artesanais do litoral de Imbituba. Em contato com o ambiente de entorno desses pescadores, obtêm-se conhecimentos sobre diversos aspectos naturais. Esses saberes estão relacionados ao ambiente natural, às espécies de peixes, aos tipos de embarcações, aos tipos de instrumentos utilizados para a pesca, às paisagens, às suas memórias e emoções, dentre outros.

Acredita-se que, se tais saberes não forem preservados, eles correm o sério risco de serem perdidos ao longo dos anos. Assim, destaca-se a grande importância da realização deste estudo, como uma estratégia de, a partir do conhecimento da percepção dos pescadores acerca dos saberes locais, favorecer ações de Educação Ambiental (EA) para a preservação e valorização de tais saberes, assim como dos ambientes, das espécies, das comunidades de pescadores tradicionais e da comunidade em geral, que permeia o litoral da região estudada; para que esses conhecimentos tradicionais continuem sendo acessados, mesmo quando estes atores sociais não estiverem mais, fisicamente, entre nós.

No estado de Santa Catarina, é de grande relevância a economia pesqueira artesanal. Conforme dados da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - EPAGRI (2014), encontram-se nesse estado, em atividade 25 mil pescadores artesanais. O município de Imbituba localiza-se no litoral Sul de Santa Catarina e possui uma população de 40.170 mil habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010) e, conforme dados obtidos da Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca (PMI, 2009), apresenta em torno de 1.600 pescadores.

No município de Imbituba, os saberes locais dos pescadores tradicionais também devem suscitar relações importantes para e com o entorno. A percepção desses pescadores, acerca desses saberes, passa a ser então objeto de estudo, configurando-se na seguinte temática de pesquisa: **Pescadores artesanais: percepção e saberes locais.**

Desse modo, destaca-se a seguinte questão-problema da pesquisa: **Como os pescadores artesanais, da Praia do Porto do município de**

Imbituba/SC, aprendem, constroem e transmitem os saberes locais que adquirem ao longo dos anos?

Hipotetizou-se, no presente contexto, que os saberes são herdados das gerações anteriores, e que os pescadores não se reconhecem como atores perpetuadores de saberes locais.

A pesquisa visa compreender a percepção dos pescadores artesanais da Praia do Porto do município de Imbituba/SC acerca dos saberes locais (herdados, construídos e transmitidos) ao longo dos anos.

Dentre os objetivos específicos, destacam-se:

- a) Conhecer os saberes herdados e construídos pelos pescadores entrevistados;
- b) Reconhecer se tais saberes estão ligados à atividade da pesca artesanal, às alterações da paisagem, aos ambientes naturais, ou a outros aspectos relativos à vida de pescador;
- c) Observar se cada pescador se reconhece enquanto um ser que constrói conhecimentos, a partir de sua realidade e concepção de mundo/vida e como agente na perpetuação desses saberes na comunidade;
- d) Compreender qual a percepção que o pescador faz de si enquanto ser que herda, constrói e transmite conhecimentos.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos, sendo o primeiro e o último a introdução e algumas considerações, respectivamente. O segundo capítulo, trata dos principais referenciais teóricos, abordando aspectos relacionados à pesca artesanal, percepção, Educação Ambiental e saberes locais. O terceiro capítulo, reporta-se ao método utilizado na pesquisa, mostrando a área de estudo, os sujeitos estudados e da “busca das informações” e do tratamento dos resultados. Já o quarto capítulo, traz os resultados da pesquisa, elucidando o primeiro contato com os pescadores, as entrevistas, e os possíveis diálogos destas últimas com os autores da área.

2 TRANSITANDO PELOS REFERENCIAIS TEÓRICOS

Nos primórdios, os seres humanos, que habitavam a terra, ao apropriar-se do meio em que viviam, tiveram que buscar métodos e fontes de alimentação. Uma das atividades descobertas por eles, e que pode ser considerada uma das mais antigas, é a pesca, que, de início, era praticada com instrumentos rústicos e primários. “No Brasil, a pesca existia antes mesmo da chegada dos portugueses, sendo praticada enquanto atividade de subsistência pelos povos que já habitavam este local.” (SILVEIRA, 2014 p. 46 - 47).

2.1 A PESCA ARTESANAL

Devido a sua grande extensão territorial, a costa brasileira possui um grande potencial para o desenvolvimento de locais com atividades pesqueiras artesanais. De início em pequena quantidade, mas, ao longo dos anos, com o avanço de tecnologia e o auxílio de políticas públicas, a pesca artesanal cresceu de forma marcante, e tornou-se uma atividade econômica de suma importância para algumas famílias brasileiras. “A pesca artesanal brasileira possui numerosas e complexas especificidades e levam em consideração fatores sociais, políticos, institucionais, econômicos e ambientais intrínsecos a cada local.” (SILVA, 2014, p.11).

As comunidades litorâneas pesqueiras receberam contribuições de várias etnias como, por exemplo: dos indígenas herdaram as técnicas relacionadas ao manuseio do pescado, aos utensílios utilizados na captura; dos portugueses as redes e pesos; dos negros, utensílios como cestos, dentre outros (DIEGUES 1983). Nessas comunidades pesqueiras, os pescadores mais antigos, em geral, aprenderam desde de cedo com seus familiares as técnicas relacionadas à pesca (SILVEIRA, 2014).

A pesca artesanal caracteriza-se pelo uso de pequenas embarcações. Nessas comunidades pesqueiras, os pescadores, na grande maioria produzem o seu próprio instrumento de trabalho. O regime trabalhista varia entre familiar ou grupo de vizinhança ou parentesco (PASQUOTTO, 2005). Para Diegues (1988, p. 44) “os pescadores artesanais retiram da pesca sua principal fonte de renda, ainda que sazonalmente possam exercer atividades complementares”.

Cabe ressaltar que o local utilizado para a captura de pescado sofre frequentes mudanças, pois o mesmo está limitado às condições expostas pela natureza, como o tempo atmosférico, disponibilidade de peixes, dentre outros fatores (RAMIRES; BARRELLA; ESTEVES, 2012).

Por outro lado, o convívio com o ambiente faz com que os pescadores artesanais construam variados saberes relacionados ao meio em que vivem, que são de extrema importância, como demonstra Pinto e Marques (2004, p. 188):

[...] o conjunto de informações etnoecológicas que os pescadores possuem sobre uma dada espécie que determina a técnica de pesca que será utilizada para capturá-la, a época certa, o local de instalação dos apetrechos de pesca, o horário correto, a maré, se é de dia ou de noite, entre outros aspectos. Esse exercício de conhecimento leva a aprimoração das informações, à detecção de mudanças, e é essencial para sua manutenção ao longo do tempo. É na atividade de pesca que se transmite e se amplia o conhecimento sobre o mar e seus recursos.

No país, o número de produtividade pesqueira vem crescendo a cada ano. Conforme mostra o Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura (2011), a produção de pescado nacional para o ano de 2011 foi de 1.431.974,4 t, registrando-se um incremento de aproximadamente 13,2% em relação a 2010. Além disso, com essa análise o Estado de Santa Catarina se manteve como o maior produtor de pescado do Brasil, com 194.866,6 t (13,6%).

Conforme dados da Fundação de Amparo à Pesquisa de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva – PROZEE (2005, p.72) “a costa de Santa Catarina tem extensão de 531 km, correspondendo a 7% do litoral brasileiro. Abrange 34 municípios, com população de 1.917.719 pessoas, nos quais foram identificadas 337 localidades onde ocorre pesca artesanal”.

Na concepção de Paulo Júnior, Xavier, Sassi, Rosa (2012, p. 2), “os recursos produzidos pela pesca artesanal marinha são de extrema importância para as comunidades que dela dependem, como fonte de alimento, emprego, renda e lazer”.

Nos últimos anos, a pesca artesanal tem enfrentado alguns problemas, um deles é a redução do volume e diversidade do pescado, em decorrência de uma exploração em grande escala e de forma predatória, em que os filhotes das espécies são pescados, de forma intensiva e predatória, contribuindo, assim, para o desaparecimento de algumas espécies de peixes.

Em virtude do rápido crescimento das cidades e de uma urbanização acelerada, sem planejamento algum, ocorreram diversos problemas urbanos e

ambientais, que afetam diretamente os lagos, rios e mares, contribuindo para a degradação do meio ambiente. Além disso, a pesca industrial é a grande concorrente da pesca artesanal, pois é composta de grande tecnologia, com uma infraestrutura bastante avançada, que, por diversas vezes, tira do ambiente marinho espécies jovens. De acordo com Maldonado (1986, apud SILVA; OLIVEIRA; NUNENS, 2007, p. 2), “a pesca artesanal, enquanto processo de trabalho, encontra-se em contraste com a pesca industrial por apresentar características bastante diversificadas, tanto em relação ao habitat e estoques pesqueiros que exploram, quanto às técnicas de pesca que utilizam”.

Além disso, cabe destacar que as políticas públicas destinadas a atividades pesqueiras, nos últimos anos, têm privilegiado mais ao setor industrial, do que aos pescadores artesanais. Assim, faz-se necessário que os governantes estudem, avaliem e analisem as questões relacionadas ao pescador artesanal, pois o mesmo precisa de subsídios adequados do governo para garantir a existência de mais pescadores artesanais (SILVA JÚNIOR, 2008).

2.2 PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nós como habitantes desse planeta, nos relacionamos com o ambiente, observamos e percebemos as mudanças que nele ocorrem ao longo dos anos. Esse contato gera sentimentos e vivências com o ambiente, decorrentes da percepção tida deste. Quando se refere à percepção, fala-se da forma como vê-se/concebe o mundo a “A superfície da Terra é extremamente variada. Mesmo um conhecimento casual com uma geografia física e abundância de formas de vida, muitos nos dizem, mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície.” (TUAN, 1980, p. 6). Penna (1982, p. 11) afirma que “perceber é conhecer”. Já para Forgas (1971, p. 1- 2), percepção é “[...] como o processo de extrair informação [...]”, pois o ser humano vive em um mundo, sendo assim é o local onde ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 1999).

Conforme destaca Marin (2008, p. 4),

O termo percepção, derivado do latim perception, é definido na maioria dos dicionários da língua portuguesa como: ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto; recepção de um estímulo; faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual.

O conceito de percepção está atrelado à maneira como cada ser humano percebe, contempla, e se declara como sujeito participante do meio onde vive (ROSA; SILVA, 2002; 2001).

Cada sujeito percebe o mundo de acordo com suas experiências, assim cada um possuirá uma forma diferente de descrevê-lo. Logo cada ser humano possui conhecimentos que somente ele tem, e a forma como ele vai perceber o fenômeno e descreve-lo é única. “Logo, a percepção está associada ao tempo memorialístico de que cada sujeito e ao espaço/meio ambiente do qual faz parte.” HERDT (2013, p. 20), assim extrapola as dimensões dos sentidos.

Já, para Morin (2000, p. 20), “[...] todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos [...]” e Tuan (1980, p. 4), percepção é “a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atitude proposital, na qual fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”; ou seja marcadas a partir dos sentidos.

Desta forma, quando se fala em percepção, devemos lembrar que ela é resultante de um processo de interpretações. Conforme Davidoff (1983, apud RODRIGUES, 2012), “a percepção implica em interpretação, ou seja, é um processo de organização e interpretação das sensações recebidas para que a consciência do ambiente se desenvolva pelo que nos cerca”. Essa interpretação é o que permite compreender o entorno. Por isso, o estudo da percepção torna-se de fundamental importância aos processos formativos em e para a Educação Ambiental.

O ser humano desenvolve e percebe diversos saberes relacionados ao ambiente. Logo, a percepção ambiental pode ser conceituada como a conquista de conhecimentos do ambiente pelo homem, ou melhor, a conduta como cada ser humano observa o ambiente a sua volta (FAGGIONATO, 2005). Cabe ressaltar que se pode designar percepção ambiental, no momento em que “relacionamos dois campos de estudo: a percepção e o meio ambiente. Portanto, para compreender a percepção ambiental é preciso encontrar a “essência” dos valores e dos conceitos que permeiam as relações das pessoas com o ambiente.” (HERDT, 2013, p. 19).

Cabe enfatizar que, por meio de pesquisas com percepção ambiental, é possível compreender a relação entre o sujeito e o meio onde vive, se estabelece contato e se conhece a forma como os sujeitos percebem o meio onde vivem (TORRES; OLIVEIRA, 2008), e assim, poder-se-á estabelecer um paralelo com as

maneiras que terão o tratar das questões que envolvem os ambientes (SENRA; SATO, 2007).

Desta forma, é importante salientar que o conhecimento da percepção ambiental dá subsídios para se estabelecer a inter-relação do ser humano com o ambiente, visto que contribui para que as pessoas consigam compreender como os sujeitos convivem com o ambiente e com as mudanças que ocorrem ao longo dos anos, levando, assim, a compreensão de quais atitudes estes indivíduos terão sobre o meio onde vivem (KUHNNEN, 2011).

Nos últimos anos uma crescente parte da humanidade tem se preocupado seriamente com as questões que envolvem o meio ambiente. O aparecimento de graves problemas ambientais tem demonstrado que a raça humana tem se utilizado do espaço onde vive de forma predatória. O consumismo exagerado fez com que as pessoas comprassem e consumissem em um ritmo tão acelerado, que a produção de lixo fosse gerada em quantidades cada vez maiores. Para Marion (2013, p. 03) “a questão ambiental e o espaço para a discussão designado a esta, em geral, cresceram muito nas últimas décadas, bem como a legislação e a própria Constituição Brasileira trataram crescentemente da temática”.

Cabe ressaltar que a preocupação relacionada ao ambiente não é tão atual (SATO, 2004, p. 23). Em 1972, na cidade Sueca de Estocolmo, foi realizada uma conferência que tinha por objetivo discutir as questões relacionadas à degradação do meio ambiente. Além dessa, várias outras foram promovidas, posteriormente, como a ECO-92 na cidade do Rio de Janeiro, Rio+10 na África do Sul, Rio+20 novamente na cidade do Rio de Janeiro, todas com o objetivo de levar as pessoas a perceber a importância de preservar o planeta para as futuras gerações.

Nessa direção, estudiosos e pesquisadores concebem a educação como uma alternativa que possibilite/promova as pessoas à sensibilização quanto à questão ambiental, pois a escola possui um papel fundamental na construção de conhecimento. Assim, a Educação Ambiental é imprescindível, pois os sujeitos construirão outro olhar acerca do ambiente onde vivem. Cabe destacar que o termo Educação Ambiental foi mencionado em um primeiro momento, no Reino Unido em um evento de educação (LOUREIRO, 2004, p. 69). Logo, “a Educação Ambiental emerge num contexto em que é necessário religar as relações entre o ser humano e

a natureza e entre os próprios humanos, resgatando valores, virtudes e promovendo posturas mais críticas, éticas e responsáveis” (PEREIRA, 2014, p. 20).

Para Loureiro (2002, p. 69), a Educação Ambiental é uma práxis educativa e social que visa à construção de valores, conceitos, habilidades, atitudes, com vistas à compreensão da realidade e atuação responsável dos “atores sociais individuais e coletivos”. Enquanto Dias (2003, p. 100), a considera um processo a partir do qual as pessoas “aprendam como funciona o ambiente, como dependemos dele, como afetamos e como promovemos a sua sustentabilidade”.

Em 1977, foi realizada a conferência de Tbilisi (LOUREIRO, 2004), considerada um dos marcos para a Educação Ambiental, onde foram definidos os objetivos da EA. Em 1987, na cidade de Moscou, foi realizada a Conferência Internacional sobre Educação e formação Ambiental, em que foi concluída a necessidade de introdução da EA nos sistemas educativos dos países (MULLER; ARAUJO; FARIAS, 2003).

Na concepção de Santos (2003, p. 293), apesar das diversas conferências, encontros e seminários sobre a EA, “ainda estamos longe de efetivar práticas pedagógicas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da população brasileira”.

No Brasil, na opinião de Loureiro (2004, p. 79), “a Educação Ambiental se fez tardiamente”, porém, durante todo o tempo histórico brasileiro, houve uma sucessiva discussão a respeito da Educação Ambiental. Uma das primeiras leis a tratar de EA foi a lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981; em seu art. 2º inciso X, mencionava a inserção da “Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente”. Na constituição da República de 1988, em seu art. 225, parágrafo I, inciso VI, relata que é imprescindível “promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

Outros mecanismos legais como a Política Nacional de EA (PNEA) (BRASIL 1999), o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) (BRASIL, 2005) e as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental (DCNEA) (BRASIL, 2012) estabelecem diretrizes e estratégias na direção da consolidação da Educação Ambiental brasileira. Cabe destacar a importância de as universidades, a partir de seus cursos de graduação (licenciatura), trabalhar com seus acadêmicos os

conceitos e ensinamentos relacionados à Educação Ambiental. Trazendo-a sob uma perspectiva crítica, emancipatória e que agregue os saberes locais, para ao atuar como educadores gerar transformações e sensibilização nos sujeitos.

Contudo, mesmo com toda essa preocupação com o meio ambiente, a Educação Ambiental ainda não é trabalhada em todos os níveis/modalidades/espços. Nem todos trabalham com projetos nessa área ou linha de investigação.

Quando se fala em Educação Ambiental, não se pode esquecer das grandes contribuições que o educador Paulo Freire vem trazendo à mesma, mesmo sem nunca ter se denominado um educador ambiental. Atualmente inúmeros educadores ambientais sustentam seus estudos e práticas na área da Educação Ambiental, na densa e rica obra de Paulo Freire. As obras de Freire têm sido cada vez mais a “episteme” na Educação Ambiental. Através de leituras de suas principais obras literárias, é possível observar que se busca uma educação ambiental, não pautada apenas em questões de reciclagem do lixo, e sim uma educação que torne os sujeitos mais críticos, independentes nos aspectos relacionados ao ambiente. Conforme demonstra Zanon (2011, p.25),

através da práxis educativa, abordada em Paulo Freire, podemos formar educandas(os) mais críticas(os) em relação às questões ambientais e mudar aquilo que, de tão conformado pela sociedade, virou rotina na vida dos seres humanos, passando despercebido por todos nós.

Cabe ressaltar que, ao se tratar da questão ambiental, não se deve estabelecer apenas uma disciplina ou objeto isolado, mas deve ser abordada numa dimensão que integra todas as atividades humanas, englobando os aspectos físicos, biológicos, sociais e culturais (SATO, 2004).

No estado de Santa Catarina, a proposta curricular de 2014, que trata da formação integral na educação básica, traz a questão relacionada à Educação Ambiental Formal, como,

uma formação mais integral do cidadão supõe considerar e reconhecer o ser humano como sujeito que produz, por meio do trabalho, as condições de (re)produção da vida, modificando os lugares e os territórios de viver, revelando relações sociais, políticas, econômicas, culturais e socioambientais. (SANTA CATARINA, 2014, p. 26).

Promover a Educação Ambiental, deve ser um compromisso de todas as pessoas que, de algum modo, estejam envolvidos com a educação. Nesse sentido, enquanto um processo, ela deve ser, na concepção de Silva (2010) sensibilizadora e crítica; para Carvalho (2004), deve possibilitar uma tomada de posição responsável

pelo mundo e pelos outros; de acordo com Segura (2001), deve ser um instrumento de cidadania.

A Educação Ambiental crítica, voltada para a formação da cidadania ativa e planetária, constitui um importante instrumento para a gestão das relações sustentáveis entre sociedade e a natureza (GUIMARÃES 2006). Além disso, é imprescindível estabelecer também uma Educação Ambiental transformadora que, na visão de Loureiro (2004, p. 89), deve considerar “[...] mudanças individuais e coletivas, locais e globais, estruturais, econômicas e culturais”.

Além disso, Sato (2003, p.15) argumenta que

a tarefa da EA é reconstruir uma nova ética capaz de comportar a tensividade e o diálogo, recuperando o movimento das mãos e mentes de cada sujeito ecológico. Nesta ciranda epistemológica, o movimento terá início quando realmente compreendermos que a EA exige um esforço multissetorial para poder cumprir, pelo menos em parte, os desafios da humanidade. Nossa tarefa ainda está longe de ser concretizada, mas os sonhos ainda permitem um lugar especial a nossas esperanças. EA baseada no respeito a todas as formas de vida. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade. (SATO, 2003, p. 15).

É importante salientar que se espera que a Educação Ambiental ultrapasse os muros da escola, chegando a todos os níveis da sociedade (GUIMARÃES, 2004; BRAGA; MARCOMIN, 2008), trabalhando com todos os sujeitos que a compõem, para que assim possam ocorrer mudanças na mesma. Deve-se compreender que se é apenas uma das diversas espécies existentes no planeta (NARCISO, 2009).

Assim, busca-se a formação de um sujeito ecológico, “[...] é um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, o que também implica uma sociedade plenamente ecológica.” CARVALHO (2004, p. 65). Quando se refere a um sujeito ecológico, é necessário destacar que o mesmo não é um ser que possui princípios ecológicos em todas as esferas da vida, e sim “um sujeito ideal que sustenta a utopia dos que creem nos valores ecológicos, tendo, por isso, valor fundamental de animar a luta por um projeto de sociedade, bem como a difusão desse projeto.” (CARVALHO, 2004, p. 67).

O sujeito ecológico deve ter como perfil, uma postura ética, que critique o estilo de vida atual da sociedade, que, nos últimos anos, tem se utilizado de todos os meios que o ambiente possui, de forma deplorável, onde, para muitos seres

humanos, é mais importante acumular bens, mostrar o que tem. Tudo isso tem contribuído para diversos problemas ambientais e sociais (CARVALHO, 2004).

Logo, está na Educação Ambiental a oportunidade de levar às pessoas um meio de conhecimentos e aprendizagens que envolve desde o ser individual até o coletivo, e, assim, é possível estabelecer uma aprendizagem que envolva o sujeito por completo, que vise não apenas mostrar assuntos ou conhecimentos as pessoas e sim uma educação, que “gera processos de formação do sujeito humano, instituindo novos modos de ser, de compreender, de posicionar-se ante os outros e a si mesmo, enfrentando os desafios e as crises do tempo em que vivemos.” (CARVALHO, 2004, p.69). Além disso, na opinião de Ruscheinsky (2002, p. 82), deve-se buscar estabelecer uma Educação Ambiental que tenha por competência a capacidade de pertencer a sociedade, “[...] partindo dela e a ela retornando. Do contrário estaremos, mais uma vez, oprimindo em vez de nos educarmos”. É nesse sentido que os educadores, ambientalistas, sujeitos ecológicos devem “[...] propiciar uma Educação Ambiental que conjugue saber tradicional e ciência moderna.” (RUSCHEINSKY, 2002, p. 75).

2.3 SABERES LOCAIS

Quando se fala em saberes, está se referindo aos conhecimentos que cada ser humano possui/constrói. Ao nascer, depara-se com um mundo repleto de coisas novas, no decorrer do crescimento natural, a gama de conhecimento vai crescendo, pois, a convivência com pessoas novas, comunidades, faz-se obter diversos saberes. Esses saberes populares têm começado a ganhar um pouco mais de espaço numa sociedade onde o saber erudito é considerado mais importante para a maioria das pessoas.

Durante muitos anos, diversos grupos sociais, que são considerados desfavorecidos pela sociedade, herdaram, construíram e transmitiram saberes que foram de extrema importância para a sobrevivência de todo o grupo (ASSIS 2009). De acordo com Pidner (2010, p. 16), “os saberes locais são constituídos pelas experiências cotidianas dos sujeitos, e, ao mesmo tempo, os sujeitos fundamentam-se nesses saberes para o desenrolar das relações cotidianas”.

Ao se referir aos saberes locais, chama-se também de saberes tradicionais, está se falando dos conhecimentos que são “transmitidos” de geração

em geração de forma oral. Conforme enfatiza Almeida (2002, p. 2), são saberes “desenvolvidos às margens do conhecimento escolar e da ciência, esses saberes da tradição são, ao longo da história, repassados de pai para filho de forma oral e experimental”. Além disso, Pereira e Diegues (2010) elucidam que por meio da transferência oral, há a disseminação de conhecimentos e práticas, uma particularidade das comunidades tradicionais.

Zerlotti (2014, p.43) salienta que

as populações tradicionais desenvolveram muitos conhecimentos ao longo de sua história de relação com o ambiente natural, superando os desafios do cotidiano, buscando compreender e aprender com o que está ao seu redor. Esse conhecimento é referenciado na literatura como “conhecimento tradicional”.

Nessas comunidades chamadas de tradicionais/locais, os sujeitos ao longo dos anos, devido à experiência ou aos relatos ouvidos em sua infância, constroem diversos saberes relacionados ao contexto ambiental e social. Cabe ressaltar que por serem saberes relacionados a uma localidade, muitas vezes só são valorizados no seu local de origem, sendo que em outros locais acabam sendo desvalorizados. Além disso, deve-se compreender que os conhecimentos populares de cada comunidade não podem ser estipulados como um aglomerado de saberes indispensáveis com a finalidade de os diversos agrupamentos humanos se nortearem no mundo, e sim “conhecimentos necessários para aquele dado grupo viver melhor” (LOPES, 1999, p.154).

Nessa direção, a pesca artesanal também reflete um conjunto de saberes tradicionais, passados de geração a geração, relacionados à conduta, hábitos, e ao ambiente dos peixes. Para Silveira (2014, p. 43), “os pescadores possuem uma gama de saberes sobre a pesca, a lagoa, os peixes, as interações neste ambiente, as marés, as dinâmicas de vento, salinidade, temperatura, dentre tantos outros saberes”.

Cabe destacar que muitos desses saberes acabam sendo perdidos ao longo dos anos, pois, se os mesmos não são transmitidos, não podem ser repassados para as futuras gerações, porém, nos últimos anos, “diversos pesquisadores têm voltado os seus olhos para o estudo da cultura popular enquanto um fenômeno de resistência à hegemonia de uma cultura erudita” (SILVEIRA, 2014, p. 38).

Os saberes locais são conhecimentos, vivências e experiências que, se não preservados, serão perdidos. A escola desenvolve um papel primordial na construção de conhecimento. Porém, nos últimos anos, tem-se percebido que a mesma vem se configurando, em muitos casos, como um espaço de reprodução do conhecimento e não como um espaço de reflexão do mundo.

Logo, é imprescindível um diálogo entre a escola e a comunidade e vice-versa, para que juntas a construção e transmissão desses saberes possam ser garantidas a todos os sujeitos envolvidos no contexto escolar. Muitas vezes os professores ficam presos a “ensinar” assuntos do mundo afora, e não percebem o quanto a sua localidade pode oferecer em nível de conhecimento. Não se percebem enquanto seres que também aprendem e apreendem, como diria Paulo Freire (2005; 2004; 2003) e que, no contexto do processo educativo formam-se no formar (MARCOMIN, et al, 2017).

Pereira (2014, p.39) argumenta que:

é necessário compreendermos que cada ser humano é diferente, possui vivências, conhecimentos, habilidades, entre outras coisas, que permitem compor uma sociedade, uma escola, diversa da outra. E essa diversidade é muito rica e oportuniza grandes aprendizagens, nem sempre da forma ou com o conteúdo que a escola espera.

Desta forma, muitas vezes tem-se que deixar os muros do ambiente escolar, sair da sala de aula, buscar envolver a comunidade e escola. Tem-se que levar os alunos à reflexão, “instigar, aguçar a curiosidade e estimular a capacidade de arriscar-se, de aventurar-se” (PEREIRA, 2014, p.40).

Assim, quando se consideram os conhecimentos locais envolvendo comunidade e escola num processo dialógico, estarão mais próximos de um processo educativo e um ambiente de saberes construídos, preservados e transmitidos, além de seres mais humanos, sensíveis e éticos.

3 PERCORRENDO O MÉTODO DA PESQUISA

Esta seção consiste na especificação do delineamento da pesquisa ligados ao objeto em estudo, no caso, “Pescadores Artesanais da Praia do Porto Imbituba/Sc: percepção e saberes locais”.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de pesquisa exploratória e qualitativa. Conforme elucidada Motta (2012), a pesquisa exploratória visa alcançar familiaridade ou maior proximidade do pesquisador com o tema da pesquisa, buscando subsídios para a delimitação mais precisa da natureza temática do problema. Muitos alegam que essa pesquisa corresponde a uma primeira etapa ou “primeiro olhar” no processo investigatório.

Para Gil (1999, p. 43), tal pesquisa visa proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo.

A pesquisa qualitativa, conforme descreve MINAYO (2010. p. 57),

é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Além disso, “não emprega um instrumento estatístico como base do processo de análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidade ou categorias homogêneas.” (RICHARDSON, 1999, p. 79).

Logo, para se descrever e se interpretar a percepção dos pescadores artesanais da praia do Porto, foi empregado o método descritivo, que “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL, 1999, p. 44).

A principal fonte de pesquisa foi baseada na experiência e vivências dos pescadores entrevistados. Na concepção de Rauen (2006), “as vivências dos sujeitos que experimentam os fenômenos são o objeto da pesquisa, pois só eles podem perceber as coisas em si mesmas”.

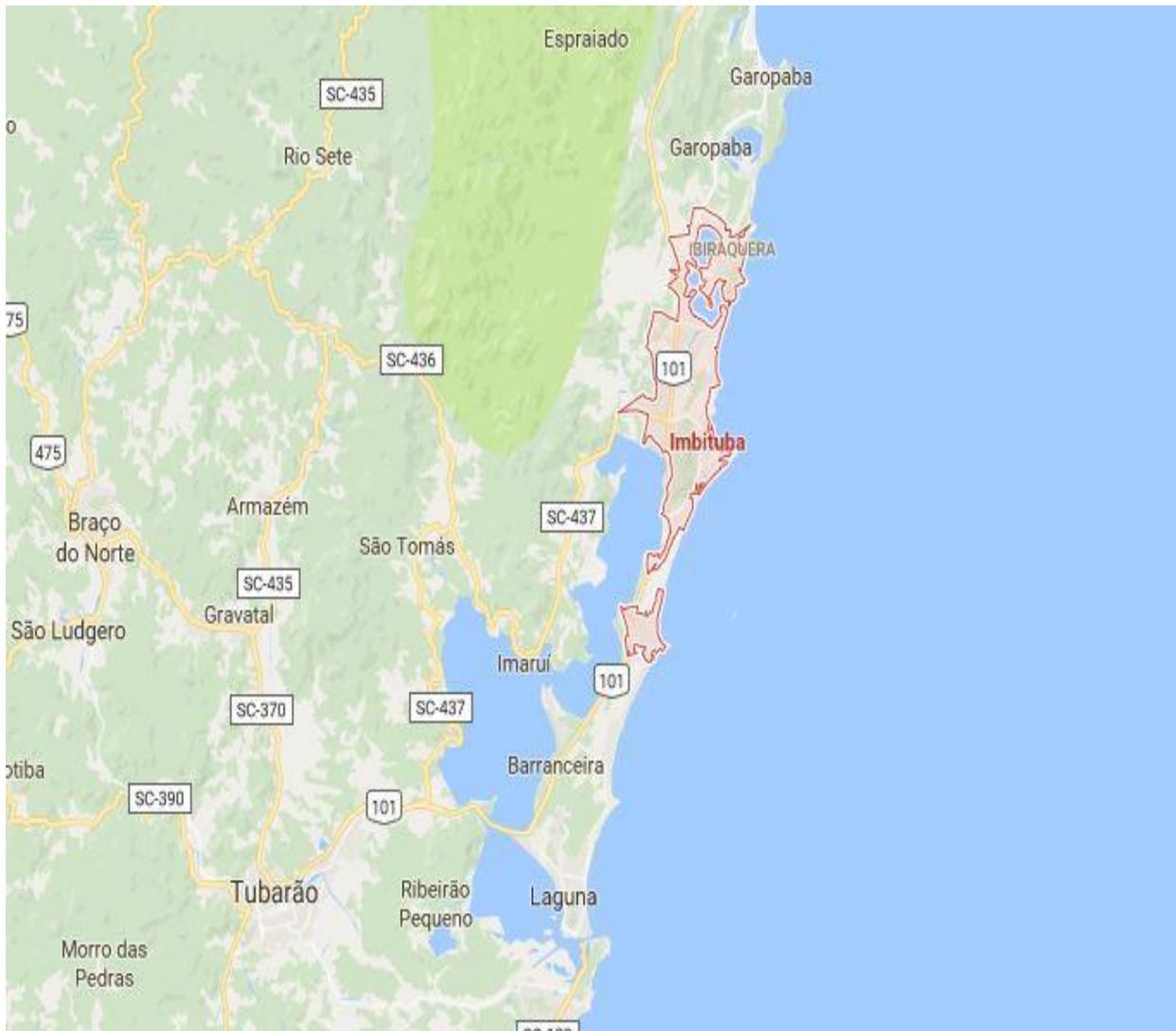
3.2 ÁREA DE ESTUDO

O município de Imbituba está localizado no litoral sul de Santa Catarina e, com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), possui uma população de 40.170 mil habitantes. Destaca-se com seus diversos atrativos naturais, diversas praias, dunas, lagos, rios, fazendo do município um lugar procurado para a atividade turística.

A descoberta das terras do município catarinense ocorreu em 1622. Conforme argumenta MARTINS (1978 p.16),

[..] quando aqui chegaram os missionários pertencentes ao colégio do Rio de Janeiro, Padre Antônio Araújo e Padre Pedro da Mota. Sua missão era catequisar os índios carijós que habitavam o litoral catarinense. Esses padres permaneceram em Vila Nova até 1624, quando seguiram para a região de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, por ordem de seus superiores.

Figura 1: Território de Imbituba (destaque em vermelho).



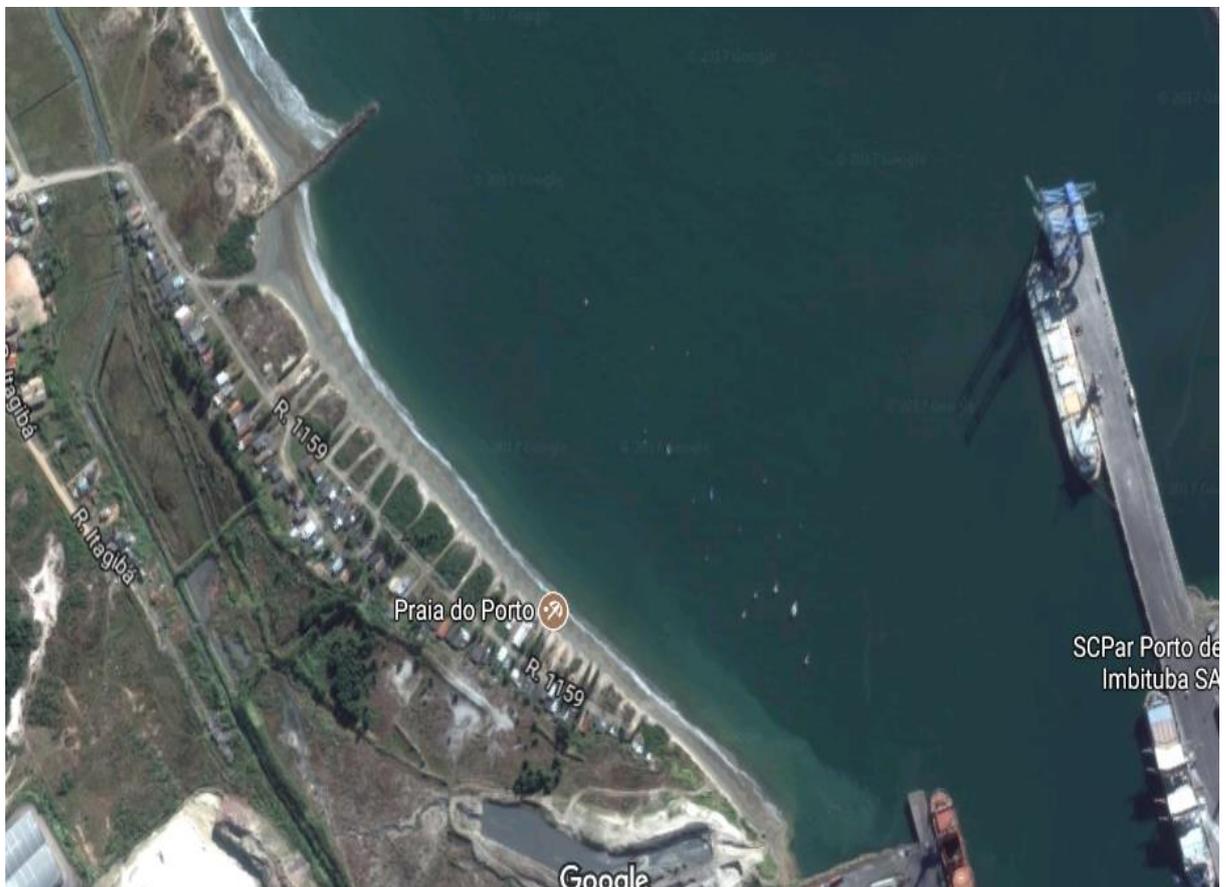
Fonte: Google Maps, 2017

A cidade de Imbituba hoje se apresenta como uma das que mais cresce no sul do estado de Santa Catarina, com um desenvolvimento econômico que é proveniente do Porto, do comércio e de seu distrito industrial. (IMBITUBA, 2017).

3.3 OS SUJEITOS E OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA.

Os sujeitos estudados atracam suas pequenas embarcações na Praia do Porto, na Vila Alvorada. Correspondem a quatro pescadores artesanais, que foram escolhidos aleatoriamente.

Figura 2: Local da Pesquisa (no destaque círculo vermelho)



Fonte: Google Maps, 2017

Foi estabelecido um primeiro contato com os pescadores com o objetivo de elucidar a eles sobre o projeto de pesquisa em questão, a importância da participação deles nesse processo, visando a esclarecer acerca do Termo de consentimento Livre e esclarecido (TCLE) e o Termo – Filmagens e Fotografias a ser assinado por eles, autorizando a realização das entrevistas, assim como a autorização para a gravação das mesmas, além de esclarecer e buscar que os

mesmos se familiarizem com o pesquisador e se interessem pela participação na pesquisa.

Realizou-se uma entrevista com cada um dos pescadores. Gil (1999, p. 117) esclarece que a entrevista é “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. As mesmas foram efetuadas nos galpões de pesca e na casa de um dos pescadores entrevistados (seguindo as sugestões de local e horário definidos pelos próprios entrevistados). Foi estabelecido um roteiro para entrevista em anexo (Apêndice A), que contou com duração de no máximo uma hora e meia (apenas se o entrevistado se disponibilizasse a esse tempo). As entrevistas foram gravadas mediante a autorização dos entrevistados por meio do TCLE de (Anexo-(Apêndice B) e do Termo – Filmagens e Fotografias (Anexo A), utilizando-se o gravador modelo Sony ICD-BX112.

Por conseguinte, as entrevistas foram transcritas fielmente e interpretadas a partir de uma adaptação da Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2006), sem estabelecer o engessamento em processos categoriais, mas deixando fluir o fenômeno de forma mais expressiva, haja vista que partir de uma adaptação da proposta dos autores mencionados e que se fundamenta, também, na valorização da abordagem fenomenológica (MOREIRA, 2004). Desse modo, ao transcrever as entrevistas, mergulham-se na organização destas na proposta de Herdt (2013), Herdt e Marcomin (2015), em níveis perceptíveis e seus respectivos eixos temáticos. Essa abordagem foi pautada na concepção dos autores mencionados acima, na adaptação da análise do método dos metatextos de Moraes e Galiazzi (2006) e Moraes (2003; 2005). Busca-se a interpretação do fenômeno com base nos autores anteriormente mencionados.

Foram organizados, então, cinco níveis perceptíveis em três eixos temáticos, como pode ser observado no quadro 1:

Quadro 1 – Níveis perceptíveis e eixos temáticos emergentes das entrevistas

Níveis perceptíveis	Eixos temáticos
Nível 1: Auto Reconhecimento	- Como se descreve/reconhece como pessoa

Nível 2: Saberes sobre a Pesca Artesanal	<ul style="list-style-type: none"> - Saberes herdados ao longo dos anos - Saberes Construídos - Saberes Transmitidos - Importância dos Saberes
Nível 3: Saberes sobre a natureza	<ul style="list-style-type: none"> - Saberes herdados ao longo dos anos - Saberes Construídos - Saberes Transmitidos - Importância dos Saberes
Nível 4: Saberes Trabalhados na Escola	-
Nível 5: Alterações no Ambiente	-

Fonte: Do autor, a partir da adaptação de Herdt (2013).

4 TECENDO RESULTADOS

Ao longo do capítulo, delineiam-se os “resultados” decorrentes da interpretação das entrevistas com os pescadores artesanais da Praia do Porto, na comunidade de Vila Alvorada, no município de Imbituba e oriundos da sistematização do quadro 1.

A inserção da oralidade dos atores/sujeitos tem lugar, no contexto desse e de todo estudo, em face de sua genuína importância. É preciso dar lugar e respeito a esses atores no universo da academia para a área da Educação Ambiental, em particular, mas a todo aquele e aquela que se diz almejar ser educador em nosso país, independentemente da área do conhecimento. Os saberes locais/tradicionais são primorosos e precisam ser valorizados. Seus atores devem ser reconhecidos em todos os contextos e espaços educativos, por serem também eles a seu modo educadores (MARCOMIN, c.p. 2017).

4.1 O PRIMEIRO CONTATO COM OS PESCADORES

Quando se iniciaram os primeiros contatos com os pescadores artesanais para convidá-los para a pesquisa e falar sobre ela para que se familiarizassem com a temática da pesquisa, não se teve problemas. O acolhimento foi bom, por se tratar da praia do bairro onde reside o entrevistado, desde o nascimento, conheço-os todos os entrevistados.

No dia 5 de outubro último, foram realizadas as entrevistas, pois foi necessário aguardar o parecer final da Comissão de Ética, como é de praxe, com 3 pescadores artesanais. Nesse dia, o vento nordeste batia forte na praia. As primeiras entrevistas foram realizadas em um rancho de pesca onde se encontravam dois pescadores artesanais que são irmãos e que pescam juntos. No momento, os dois estavam consertando suas redes, porém isso não foi empecilho para que eles não dessem a entrevista.

Visando preservar a identidade dos entrevistados, no relato de suas falas, eles serão identificados por letras.

Iniciaram-se as entrevistas com os irmãos, em separado. Primeiramente com o entrevistado (Pescador A) e em seguida com o entrevistado (Pescador B). As entrevistas tiveram um tempo máximo de 20 minutos, respeitando sempre o tempo necessário de cada entrevistado e por ele proposto. A terceira entrevista se deu em

um outro rancho, com um pescador artesanal de 60 anos, que se criou na beira da praia, onde iniciou sua vida na pesca (Pescador C).

Cabe destacar que todos os pescadores foram escolhidos para a entrevista de modo aleatório. Devido a dinâmica do dia a dia, era difícil marcar um dia adequado para entrevistar cada um, pois os mesmos dependem da disponibilidade de horário e tempo. Assim, foi-se ao galpão várias vezes para conseguir entrevistá-los e adequar-se ao dia apropriado para a realização da pesquisa, sem comprometer a rotina dos pescadores.

A quarta entrevista foi realizada no dia 13/11, na casa do (Pescador D) por solicitação dele, que recebeu o entrevistador com sua esposa, demonstrando bastante carinho. Estava pronto para transmitir os conhecimentos que adquiriu ao longo dos anos. Cabe ressaltar que essa última entrevista se deu mais tarde, pelo fato de o pescador artesanal só estar disponível nesse dia para conceder a entrevista.

É importante destacar que os mesmos se sentiram muito à vontade durante as entrevistas, e que realizaram as mesmas de forma prazerosa, ficando evidente o quanto eles se sentiam importantes por estar sendo entrevistados por alguém.

Marcomim e Sato (2016), em um trabalho com os pescadores da região litorânea de Laguna, observaram também que os pescadores compartilham os seus conhecimentos através de “[...] gestos simples, histórias comoventes, marcas profundas de grandes buscas e, também, de grandes perdas”. Ainda segundo estas autoras, isto é feito de forma amável, atenciosa, dispostos a dividir seu tempo e visão de mundo.

Conforme demonstram os eixos interpretativos estudados, possuem um conhecimento empírico valioso, com uma gama repleta de conhecimentos que vão desde assuntos relacionados à pesca ou a questões relacionadas à natureza e mudanças que ocorrem no ambiente.

4.2 AS ENTREVISTAS

Após realizar as entrevistas e transcrevê-las, a interpretação levou a reconhecer os níveis perceptíveis e seus respectivos eixos temáticos (HERDT, 2013;

HERDT, MARCOMIN, 2015) descritos e permeados pelas narrativas dos pescadores. Vários autores contribuíram para o diálogo com as entrevistas.

Abaixo segue um perfil geral de cada um dos pescadores entrevistados:

O pescador A, tem 52 anos, é solteiro, não tem filhos, nasceu no município de Laguna SC, cidade vizinha de Imbituba, onde reside ainda hoje. Reside no bairro Vila Alvorada, onde a pesquisa foi realizada. Durante a adolescência, aos 15 anos, esse pescador teve os primeiros contatos com a pesca. Atualmente possui sua própria embarcação e realiza a pesca em grupo.

Já o pescador B, possui 60 anos, é casado, tem uma filha, nasceu e cresceu em Imbituba, vive grande parte dos seus dias no rancho de pesca, na praia onde foi realizada a pesquisa. Desde cedo teve contato com os saberes da pesca, completando aproximadamente cerca de 50 anos. Pesca em grupo e possui um bote motorizado.

O pescador C, com 45 anos, é casado, não possui filhos, e é irmão do pescador A. Nasceu em Laguna SC, e atualmente mora no bairro Vila Alvorada em Imbituba SC. Seu contato com a pesca também se deu durante a adolescência. Nos dias atuais pesca em grupo.

Pescador D, possui 65 anos, é casado, e tem 2 filhas. Nasceu e se criou em Imbituba, e seu contato com a pesca ocorreu muito cedo. Pesca em grupo e não possui embarcação própria.

4.2.1 Nível 1: Auto Reconhecimento (Como se descreve/reconhece como pessoa)

Esse eixo temático está relacionado a como o pescador se descreve/reconhece como pessoa. Nesse sentido, a maioria dos pescadores se reconhece como pessoas boas e que são ótimas para os outros.

“Uma pessoa ótima, uma pessoa boa pra [sic] todo mundo” (Pescador D).

É importante destacar que os pescadores tiveram dificuldades em responder a essa pergunta, ficando evidente a complexidade de se auto reconhecerem no contexto e na dimensão buscada pela pesquisa.

O pescador B, quando é indagado a respeito de como se descreve/reconhece como pessoa, o mesmo relaciona com o seu nome e assinatura.

“O meu nome né, assinar, assinatura né” (Pescador B).

Pode-se inferir que um dos aspectos que sinaliza para a dificuldade de auto reconhecimento dos pescadores como sujeitos/atores importantes na comunidade ou na perpetuação de saberes, pode ser também, além do sentimento de desvalorização dos sujeitos, a falta de sentimento de pertencimento.

Guimarães (2006, p. 12), dentre outros, chamam a atenção para esse aspecto:

Se não houver um trabalho em conjunto com a comunidade do entorno e uma reflexão sobre essas pressões sociais que promovem a degradação, promovendo uma reflexão crítica um sentimento de pertencimento que propicie uma prática social criativa pelo exercício de uma cidadania que assuma a dimensão política do processo educativo [...].

Ou seja, o sentimento de se pertencer ao e num determinado lugar e contexto são fundamentais para o exercício pleno da cidadania, mas também para uma ação comprometida e efetiva na sociedade.

4.2.2 Nível 2: Saberes sobre a Pesca Artesanal

a) Saberes herdados ao longo dos anos

Quanto à questão “quando começou sua relação com a pesca”, as respostas entre os pescadores foram semelhantes.

“Desde os 15 anos de idade” (Pescador A).

“Vivendo disso aqui” (Pescador B), ou seja, alega que sempre viveu disso, portanto sua vida sempre esteve relacionada à pesca.

Conforme se observa nas falas dos pescadores (A e B), em geral a pesca iniciou na vida desses sujeitos bem cedo, quando ainda eram crianças e adolescentes. O pescador B ressalta que foi vivendo o dia a dia na praia onde nasceu e se criou, que contribuiu para que ele entrasse para a pesca.

Em relação aos relatos relacionados a que saberes esses pescadores aprenderam com a pesca as respostas expressivas foram:

“A pesca, dá muito ensinamento, e com o ensinamento, a gente vai aprendendo a pescar, soltar uma rede, pegar outra embarcação que está quebrada, é tirar um sobrevivente que está na água com um salva vida, tudo isso é ensinamento de pesca” (Pescador A).

“Aprendi a sobreviver, aprendi muita coisa, aprendi a saber trabalhar, a ter um pouco de conhecimento, e a minha sobrevivência vem do mar” (Pescador C).

“Aprendi muita coisa, sobre pescaria, sobre peixes, sobre rede, sobre, o que é de pesca eu sempre aprendi pescando”. (Pescador D).

Constata-se, a partir das expressões dos pescadores acima que a pesca é uma forma de aprendizado na vida dessas pessoas, tanto no que diz respeito ao ato de pescar em si, a estrutura da embarcação, a sobrevivência no mar, assim como a valores como o ato de zelar e salvar a vida do outro, uma forma de cuidar como diria Boff (2011). Compreende-se, na fala do pescador C, que a pesca possui uma grande importância na vida dele, pois, por meio dela a sobrevivência dele vem do mar. É o seu sustento. Para ele, a pesca é tudo.

No que se refere a quem ensinou esses saberes aos pescadores, todos falaram que os saberes, que trazem consigo relacionados à pesca, foram herdados do convívio com os familiares, em geral com pais, tios e com colegas. Logo, merece destaque o papel formativo desempenhado por essas pessoas na vida desses pescadores. Ou seja, uma formação não formal foi responsável pela perpetuação desses saberes. Similar também aos resultados encontrados por Pereira (2014, p. 98), em seu trabalho com os pescadores do Farol de Santa Marta, constatou que “a pesca, no caso de todos os entrevistados, foi aprendida e apreendida em família, a partir da observação das atividades desenvolvidas pelos mais velhos e da convivência e vivência cotidiana, com os saberes desses pescadores”.

É notável que esse convívio com a pesca, quando ainda eram pequenos e jovens, contribuiu para que os mesmos tivessem vontade de ingressar na pesca e o início dessa aprendizagem e dos conhecimentos se deu através das observações e da participação junto aos seus pais e colegas que pescavam e conversavam a respeito da pesca. Ali os mesmos puderam extrair os conhecimentos necessários à pesca.

Na concepção de Maldonado (1986) os conhecimentos que os pescadores possuem, na maior parte, foram herdados de seus antepassados, ou por meio da interação entre os colegas de profissão. Conforme salienta Andreoli (2007, p 23), “os pescadores artesanais se caracterizam, principalmente, pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo da produção, produzindo com equipes de trabalho formadas por relações de parentesco e compadrio”. Para Pinto e Marques (2004) os pescadores possuem um amplo conhecimento empírico, fundamentado na prática

do dia a dia sobre o meio onde vivem, os tipos de peixe, o ambiente marinho, que perpassam de gerações em gerações.

b) Saberes Construídos

No que se refere aos saberes construídos, ou seja, ao “melhoramento, aprimoramento e desenvolvimento” dos saberes relacionados à pesca ao longo dos anos, observam-se algumas convergências e divergências, “o que é compreensível, uma vez que a percepção, enquanto fenômeno pode ser distinto entre os sujeitos” (HERDT, 2013, p. 62).

O pescador B argumenta que ocorreu um desenvolvimento, um aprimoramento dos saberes mais foi pouco, e suas ideias vão ao encontro com as do pescador A; e pode ser observada a seguir:

“Melhorou, desenvolveu, eu aprendi muita coisa, que até hoje graças a Deus, nós temos bastante conhecimento sobre a pesca” (Pescador A).

Percebe-se que, para os dois pescadores, nos conhecimentos acerca da pesca, houve um aprimoramento ao longo dos anos, e que os mesmos conseguiram perceber esse desenvolvimento.

Em contrapartida, as falas do pescador C e D divergem da dos pescadores anteriores, porém as duas trazem aspectos semelhantes que possuem características importantes de serem analisadas.

Para o pescador C, quando se questionou a respeito do aprimoramento ou desenvolvimento de seus saberes ao longo dos anos, o mesmo não se reporta ao aprimoramento dos saberes em si. Na verdade, leva em consideração características do desenvolvimento quanto aos aspectos financeiros, e não o desenvolvimento dos saberes.

“Olha, desenvolvimento para nós pescadores não tem muita coisa, eles exploram muito os pescadores, mais é o único meio de nós sobreviver né na pesca. A gente não tem estudo, é a única maneira de nós sobreviver, e o resto de nos ajudar essas coisas esses pessoais [sic] é muito pouco, eu nunca vi uma classe, tão assim baixa igual os pescadores ultimamente. Não são capaz [sic] de ajudar nada, o preço nunca sobe, a mesma coisa, o óleo sobe, e continua a mesma coisa e não muda nada” (Pescador C).

Já o pescador citado D, salienta que, após se aposentar das atividades do barco de pesca industrial e vir pescar na praia, não tem ocorrido o aprimoramento ou desenvolvimento dos seus saberes.

Enquanto o pescador D: *“Não. De uns tempos para cá, depois que eu me aposentei no barco de pesca industrial, depois vim para aqui para a praia, eu estou aqui na praia, mais até o momento, só tem diminuído. Não tenho envolvido com nada, só tem diminuído a pescaria tudo, porque não é por causa de tantas embarcações, é muitas leis em cima do pescador, que o pescador não pode ter muita hora que não pode nem sair para o mar pescar por causa das leis que tem”* (Pescador D).

Logo, percebe-se que nem todos os pescadores acreditam que houve um desenvolvimento ou aprimoramento dos conhecimentos sobre a pesca, exercido a partir de sua atuação enquanto pescador, aprimorando a atividade.

Na verdade, ao destacar algum tipo de desenvolvimento, não se atém aos conhecimentos, mas sim à atividade em si. Nesse caso, pode-se inferir que as dificuldades que os mesmos encontram no dia a dia tem dificultado esse aperfeiçoamento.

Conforme destaca Andreoli (2007, p. 88), “enquanto na academia utilizam-se obras escritas para comprovar a aprendizagem, no universo da pesca essa comprovação se dá através da prática, ou seja, no trabalho diário do pescador”. Logo, é notável que, na maioria das vezes os pescadores não possuem um estudo avançado, e que não conseguem ir à escola em busca de estudo em virtude do tempo que ficam destinando à pesca, pois quando não estão em alto mar, estão na praia em seus ranchos de pesca arrumando suas redes de pescar, entre outros afazeres.

c) Saberes Transmitidos

Houve o questionamento sobre se ocorre a transmissão dos conhecimentos que eles possuem para outros sujeitos. Dos quatro entrevistados, três entrevistados apresentaram respostas semelhantes, sendo que uma destaca-se por divergir das demais.

O pescador B salienta que transmissão de conhecimentos relacionada à pesca tem sido pouca. Por outro lado, os pescadores A, C e D elucidaram aspectos com diversas semelhanças.

O pescador A alegou que *“tenho, tem, eu aprendi quando era mais pequeno, e graças... esse ano nós temos ensinado muita gente, para pescar, porque não tem onde tirar aí fora. Porque o único recurso, é a pesca, e a pesca sempre tem dado o suficiente para nós, para as crianças”*.

Através da fala do pescador A é possível destacar que nos últimos anos muitos sujeitos têm buscado na pesca uma alternativa de ganhos econômicos. Conforme ele salienta, nesse ano, ensinou muitas pessoas que não possuem trabalho fora, e a pesca se mostra uma alternativa para suprir a falta de emprego. Enquanto os pescadores C e D manifestam as seguintes palavras: *“Sim, agente ensinou bastante pescador aí, gurizada nova que não sabiam nada, a gente, levava conosco, saíram da gente sabendo bastante coisa”* (Pescador C). Enquanto o pescador D relatou que *“tenho, diversas pessoas, mais agora nesse momento, a gente não se lembra quais as pessoas que a gente transmite, só na hora que a gente está conversando”*.

Conforme se observa, a transmissão dos conhecimentos relacionados à pesca tem sido efetuada de diferentes formas. Essa transmissão ocorre por meio da interação entre os sujeitos, pelo acompanhamento junto aos pescadores nas atividades de pesca e noutros contatos em que perpassam seus saberes na forma oral.

Logo, quando se perguntou sobre a transmissão de conhecimentos para os familiares, obtiveram-se manifestações como:

“Primeiramente, filho, eu não tenho, só um sobrinho que trabalhou comigo, mais não aguentou, achou que aquilo ali não era vida para ele, e o resto aqui na minha vida, é eu e meu irmão aqui, e outro que trabalhamos juntos, nós três, e mais ninguém” (Pescador C). Ou seja, toda a transmissão de saberes se dá para as pessoas que trabalham com ele (o irmão e o funcionário que possui).

“Tão, eles tão, eles tão conhecendo, a nossa maneira de trabalhar, de falar, de conhecer, o que pode fazer, o que não pode fazer, é isso tudo” (Pescador A).

É perceptível que esses pescadores transmitem seus conhecimentos aos familiares, e, conforme destaca o pescador A, por meio dessa interação entre eles e

os familiares, eles conseguirão conhecer o seu ambiente de trabalho que vai desde o modo de falar, de trabalhar com a pesca, até as características de como se comportar. É fundamental, portanto, o papel desses pescadores na perpetuação dos saberes atinentes à pesca, para a manutenção da tradição da atividade pesqueira. Nessa direção, a escola poderia contribuir para a manutenção e perpetuação e valorização desses saberes.

Silveira, Serafim e Siqueira (2011), ao pesquisarem sobre os pescadores artesanais na Lagoa do Mirim em Santa Catarina, concluíram que deve-se buscar um espaço onde possa ocorrer a valorização e a preservação dos saberes desses sujeitos/atores. Para eles, um desses espaços sociais é a instituição escolar, abrindo espaço em seu currículo e desse modo, resgatando os saberes locais e “amalgamando-os” aos saberes escolares.

O pensamento dos autores acima, vai ao encontro com Costa et al (2014), que ao pesquisarem os saberes etnoecológicos dos pescadores artesanais e alunos da planície alagável do alto rio Paraná, chegaram à conclusão que “faz-se necessária a inserção do diálogo dos etnosaberes nas escolas, de modo a garantir a valorização da cultura e da biodiversidade local”.

d) Importância dos Saberes

Perguntou-se aos pescadores sobre a importância dos conhecimentos que eles possuem para os jovens dos dias atuais. Houve similaridades e discrepâncias nas respostas entre os pescadores. O pescador C ressalta em sua fala o quão importante é as pessoas conhecerem os saberes relacionados à pesca.

“Sim, porque muita gente não tem estudo ultimamente, estão partindo para pesca porque, pelo menos, tem uma carteira assinada, e tem os direitos também associado pela colônia de pescadores, também tem os direitos de médico, tem direito de seguro desemprego, é a única maneira que eles acharam um caminho para sobreviver” (Pescador C). Para esse pescador, a pesca pode ser uma alternativa de sobrevivência financeira às pessoas que não possuem estudo. Logo, reconhece que, se as pessoas conhecem os saberes da pesca, esses saberes poderão ajudá-las. Nesse caso, esses saberes estão diretamente relacionados à questão financeira.

Sob outra perspectiva, os pescadores A e D alegam que, se possuíssem um filho, não o deixariam ir para a pesca.

“O que eu posso falar para ti... se essas crianças, eu queria dizer uma coisa para essas crianças, não participar da pesca. Porque a pesca não tem como uma pessoa pegar um curso aí fora, tu estás entendendo, eu para mim a pesca para essas crianças não é ideal. Mais só se não quiserem fazer curso, trabalhar aí fora... o recurso é a pesca, e como eu falei ainda pouco, a pesca sempre dá” (Pescador A). Interessante observar na oralidade desse pescador de que apesar de “[...] a pesca sempre dá” , ainda assim ele não estimula as crianças para serem pescadores.

Marcomin (2012), ao estudar os pescadores do litoral sul da região de Laguna, também percebeu na manifestação oral, de alguns de seus entrevistados, o sentir da desvalorização da profissão de pescador pelos sujeitos. Similar também ao que relata o pescador D: *“Eu vou te falar uma verdade, se eu tivesse um filho homem, que dependesse de trabalhar na pesca eu não botaria isso na cabeça dele em nenhum momento, porque eu já tiro por mim a dificuldade que a gente está passando, e toda vida pesquei e toda vida com dificuldade”*.

É lamentável que grande parte dos pescadores não aconselhem ninguém a trabalhar na pesca – em face das dificuldades apresentadas por essa atividade - pois, isso impede e/ou dificulta a perpetuação dos saberes ligados à pesca, já que reduz o interesse pelo conhecimento dos mesmos. Pereira (2014, p. 98) também constatou que a pesca não é considerada pelos pescadores “uma atividade a ser seguida pelos mais novos, sobretudo pelos seus filhos, pois tem uma remuneração instável e é de alto risco”. Portanto, pode-se inferir que esse aspecto também dificulte a transmissão e perpetuação dos saberes locais desses pescadores.

4.2.3 Nível 3: Saberes sobre a natureza

a) Saberes herdados ao longo dos anos

No que tange aos saberes herdados sobre a natureza, os quatro entrevistados salientam que aprenderam diversos conhecimentos sobre a natureza: *“A natureza ela ensina a pessoa, a natureza sempre está indicado alguma coisa, que está se aproximando, o que vai acontecer, a natureza ensina muita gente”* (Pescador A). Também ressaltada pelo Pescador C *“aprendemos sim, aprendi*

porque eu cheguei a perder um barco, não respeitei a natureza, e perdemos um barco, na ilha lá do Tacamim, e até hoje, faz falta né, perdemos, não foi muito, mais perdemos uns 60 mil reais, e de lá para cá as coisas não andou [sic] muito bem”.

Observa-se, através das expressões dos pescadores A e C, que a natureza os ensina sempre. Indicando algo, como no caso do pescador A, ou indiretamente, a fazer com que por meio das perdas o ser humano respeite e entenda os limites impostos pela natureza, como no caso do pescador C.

Horochovski (2007, p. 164) enfatiza que o pescador acaba arcando com “as perdas e estragos em embarcações, motores e material de pesca, causados por intempéries, desgaste e barcos de pesca industrial que, não raro, passam sobre as redes, por vezes com danos irreversíveis. Nesse caso, resta ao pescador arcar com prejuízos [...]”.

No entanto, o Pescador D considera que aprendeu poucas coisas relacionadas à natureza, pois, para ele, possui mais conhecimentos relacionados à pesca. *“Não né, eu para mim, a gente aprende, aprende alguma coisa sobre a natureza, mais a gente é mais envolvido com pesca”* (Pescador D)

Cabe destacar, que para os pescadores tanto a pesca quanto a natureza representam uma constante aprendizagem, através dela pode-se extrair diversos conhecimentos que são de suma importância para a vida deles. Assim, esses conhecimentos da natureza que essas comunidades tradicionais possuem são resultantes “de um longo período de ajustamentos culturais nos quais os valores, imagens e percepções são desenvolvidas em relação ao ambiente natural.” (DIEGUES, 1995, p. 251).

b) Saberes construídos

Sobre o aprimoramento dos saberes sobre a natureza, através das entrevistas foi possível constatar que foi pouco o aprimoramento dos saberes. Conforme demonstra o pescador A, quando se refere ao desenvolvimento dos saberes relacionados à natureza, o mesmo salienta que o aprimoramento desses saberes foi pouco: *“Poucos, poucos, não aprendi muito, mais eu quero aprender mais”* (Pescador A). Foi possível notar que ele deseja aprimorar e conhecer um pouco mais os assuntos que se referem ao meio em que se vive.

É importante destacar que, na maioria das vezes, os pescadores têm poucos estudos, ou não conseguem um tempo que seja adequado para realizar cursos ou capacitação formal. Sendo assim, todos os conhecimentos que possuem sobre a natureza são resultantes da interação com a própria natureza, entre os colegas de profissão, ou por influência da mídia, pois através das entrevistas, foi possível constatar que os mesmos conhecem e sabem de vários aspectos relacionados à natureza que não ocorre apenas em sua comunidade.

c) Saberes transmitidos

Na transmissão de conhecimentos sobre a natureza, os pescadores entrevistados argumentam que, nos últimos anos, eles têm feito muito isso, porém três dos quatro entrevistados salientam que conseguem transmitir os seus conhecimentos relacionados à natureza para os demais sujeitos.

O pescador D comenta que conhece poucos saberes em relação à natureza, e que, por isso, não transmite conhecimento. Em contrapartida, os demais pescadores entrevistados efetuam essa transmissão de alguma forma, como por meio das falas:

“Às vezes a gente fala para as pessoas, mais as pessoas ficam, a gente fala para as pessoas a voz entre pelo ouvido e sai com outro. Eles não seguram que a gente tem um pouco de experiência né, eles não atendem as pessoas, o que está acontecendo pelo aí [sic], aí fora agora, a gente avisa. Califórnia vai para o fundo, ó vai acontecer isso, vai acontecer terremoto, vai vim, mais eles não acreditam nisso, e está acontecendo” (Pescador A).

“É a gente fala para as pessoas né, respeitar a natureza. Não, não sair com a ameaça do temporal, que muita gente faz as coisas por si mesmo... não quer conselho de ninguém, que entenda. Acha que sabe mais que os outros, é aonde que dá essas tragédias no mar, e esse ano, só esse ano já foram uns 45 barcos para o fundo, porque não respeitou a natureza” (Pescador C).

“Ah... ensinei, isso aí eu ensinei...muita gente aí” (Pescador B).

É importante destacar que estes pescadores, em contato direto com o ambiente natural, estabelecem conhecimentos que estão amparados na observação, na experiência, que possui grande significado e importância para eles. E, na maioria

das vezes, por se tratarem de pescadores artesanais, muitos sujeitos acabam discriminando-os, desqualificando e desprezando seus saberes.

Ou seja, é possível constatar que há sim a transmissão desses saberes relativos à natureza. Mas, que os pescadores têm clareza de que, na maior parte das vezes, tais saberes não são reconhecidos e/ou valorizados, por se tratarem de saberes ditos comuns, por exemplo.

4.2.4 Nível 4: Saberes Trabalhados na Escola

Quando foi questionado aos pescadores sobre a importância de trabalhar na escola os saberes/conhecimentos que eles possuem, obtiveram-se repostas divergentes entre os entrevistados.

O pescador C não quis responder essa questão. No momento da pesquisa, o mesmo ficou pensativo, e, logo, decidiu que não responderia a questão. Cabe destacar que esse silêncio é representativo de algo: ou do receio do que poderia dizer, da insegurança, ou de não haver ainda opinião formada acerca do tema. Seja como for, exerceu seu direito de silenciar.

O pescador A traz alguns aspectos importantes a serem analisados, *“Olha, como, eu acredito que a escola ensina muitas coisas né, ensina as coisas melhor, porque na pesca, se a criança não quiser ir para escola, aí vai para pesca, a criança vai aprender o quê, vai aprender a pescar, e, na escola não, ela está sujeita a pegar um serviço, está entendendo, na escola, uma bolsa de estudo ela consegue, mais é o que eu estou falando, a criança para pescar só vai aprender a pescar, mais nada”* (Pescador A). Para esse pescador, a pesca não possui uma importância tão grandiosa para ser ensinada na escola; ou seja, como se os saberes relacionados à pesca não fossem tão importantes como os demais conteúdos trabalhados em sala de aula. A fala do pescador vai ao encontro do que Pereira (2014, p. 95), observou em sua pesquisa “[...] que os pescadores não consideram a escola como um ambiente em que eles devem/podem interferir”. Na verdade, na concepção dos pescadores os saberes da escola são sempre de importância maior.

Observa-se que os pescadores não valorizam seus saberes. Sua profissão, nem suas histórias de vida, pelo menos, no universo estudado no presente caso. Nesse sentido, é necessário construir o sentimento de pertencimento nesses pescadores em relação a esses ambientes naturais e sua importância

enquanto sujeitos, para que desse modo, também reconheçam a importância de a escola valorizar os saberes locais e/ou tradicionais relativos à pesca e à suas histórias de vida e de pescadores locais. Para Santos (1999, p. 65), “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos”.

Para Brandão (2007), é importante estabelecermos o sentimento de pertencimento com o ambiente em que estamos inseridos:

[...] e é bem verdade que nós somente vivemos de fato em uma rua, em um bairro, em uma cidade e em um município quando somos e nos sentimos parte da comunidade e da vida social que dia-a-dia fazem a vida cotidiana e fazem também a história de nossa rua, do nosso bairro, da nossa cidade e de nosso município. (BRANDÃO, 2007, p. 98).

O pescador D enfatiza que seria válido existir um ensinamento na escola que contemplasse os saberes dos pescadores artesanais.

“Devia, devia ter algum tipo de estudo na escola sobre a pesca, para as pessoas, para quem estuda né, para saber o que é que é a pesca quem está levando esse estudo para eles” (Pescador D).

Logo, por meio da sua fala, o pescador enfatiza a grande importância dos conhecimentos que a pesca artesanal possui, ressaltando a necessidade de existir um tipo de estudo na escola que ensine aspectos concernentes à pesca artesanal. É importante destacar que os saberes da pesca devem ser ensinados/trabalhados de forma integrada entre os pescadores artesanais, as disciplinas, a escola e a comunidade.

Cabe ressaltar que, na disciplina de geografia, existem diversos conteúdos relacionados à dinâmica marítima, aos impactos ambientais, a paisagem litorânea. A escola, inserida em comunidades litorâneas, poderia estabelecer uma ponte entre a escola e essas comunidades, pois juntas alcançariam uma internalização e contextualização maior dos conceitos/contéudos ensinados no processo de formação do aluno. Isso vai ao encontro do que Marques (2009) propõe sobre o estudo do meio.

Nérici (1992, apud MARQUES, 2009, p. 37) considera que o estudo do meio

representa o estudo dos diversos conjuntos significativos da natureza e da sociedade, que interessam à vida do educando a fim de torná-lo mais consciente da realidade que o envolve e da qual tem de participar. O estudo do meio se impõe como forma de relacionar a escola à comunidade, bem como para motivar autenticamente as atividades escolares. Mas a razão fundamental está em dar consciência ao educando da realidade na qual ele

tem de viver e participar, a fim de fazê-lo de forma positiva, confiante e responsável.

Na concepção do presente estudo, a possibilidade de incluir a metodologia do estudo do meio, na formação de professores de geografia e de estudantes dos diversos níveis de ensino é possível, pois, para Silva et al (2016) permite aos sujeitos, o contato direto com o objeto a ser pesquisado. Além disso, os autores argumentam que para a disciplina da Geografia essa abordagem é uma importante ferramenta de análise espacial já que promove a interação de alunos e professores, com o objeto de estudo, de forma prática.

Além disso, Silveira, Serafim e Siqueira (2011), no trabalho sobre a etnoecologia da pesca artesanal na Lagoa do Mirim, SC, concluíram que em planos de manejo para uma região, deve haver a inserção dos saberes tradicionais dos pescadores artesanais e que estes saberes também devem estar integrados aos saberes escolares, associando a vivência dos alunos aos conhecimentos curriculares.

Na concepção de Pereira (2014, p. 64) “a comunidade e seus saberes precisam estar na escola e esta precisa estar na comunidade. Juntos em uma contextualização que valorize os saberes científicos e populares na formação cidadã”. A autora elucida, ainda, que é necessário que os professores pensem e repensem constantemente o processo educativo, viabilizando as possibilidades de melhorá-lo, englobando as necessidades da comunidade e respeitando os saberes nela existentes.

Silveira (2014) ao promover uma roda de conversa entre os pescadores e os alunos da escola, onde a pesquisa foi realizada, constatou que foi possível estabelecer entre eles o diálogo sobre diversos temas: ambientais, econômicos e culturais. Evidenciando, assim, o quão importante é trazer até o ambiente escolar, os saberes que a comunidade possui. Além disso, a autora argumenta que o ato de trazer o pescador para a escola, constituiu-se uma forma de valorização dos saberes desses sujeitos/atores.

Para tanto, é indispensável que a escola integre os pescadores artesanais e seus saberes ao contexto do cotidiano e currículo escolar, assim como integrem os estudantes à realidade, saberes e modo de vida desses pescadores e respectivas comunidades. Assim, como reconhece Marques (2009, p. 49), na medida em que os estudantes buscarem conhecer os pescadores, suas vivências, práticas, memórias,

“[...] estarão indo ao encontro de pessoas fonte que, de certa forma, experienciaram ou vivenciaram, momentos expressivos para a construção da história local”.

Ao conhecer esses sujeitos/atores, suas histórias, sua percepção, seus saberes e da comunidade de pescadores a qual pertencem, aproximam-se ainda mais do ambiente que os sustenta. E assim, na concepção de Pereira (2014) por meio do conhecimento das histórias da comunidade, as pessoas terão subsídios para defender a região onde habitam, sua cultura, os seres que ali vivem, possibilitando processos de atuação, mais efetivos, nas respectivas comunidades.

Assim, no entender de Freire (2011, p. 80):

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.

Na direção do trabalho com/em comunidade Freire (2013, p. 138) questiona: “como é possível para nós trabalhar em uma comunidade sem sentir o espírito da cultura que está lá há muitos anos, sem tentar entender a alma da cultura? Não podemos interferir nessa cultura. Sem entender a alma da cultura apenas invadimos a cultura”.

Não podemos imaginar o processo educativo nas escolas litorâneas sem considerar o estudo e incorporação dos saberes locais de pescadores e comunidades tradicionais, sem ouvi-los e sem adentrar no universo desses seres; nem tão pouco imaginar que processos de Educação Ambiental sejam fomentados sem considerar uma formação que não seja crítica, libertadora e transformadora de sujeitos/atores atuantes nesse mundo (MARCOMIN, c. p., 2017).

A pesquisa realizada elucida a necessidade de em estudos futuros investigar como as escolas da região litorânea vêm incorporando em seu dia a dia, os saberes locais ligados à dinâmica da vida dos pescadores, da natureza e da própria pesca, no currículo escolar.

4.2.5 Nível 5: Alterações no Ambiente

Perguntou-se aos pescadores se os mesmos notaram mudanças/alterações no ambiente ao longo do tempo. Para eles ocorreram muitas

mudanças no meio ambiente, tanto em sua comunidade como em nível municipal, estadual, nacional e mundial. Observa-se nas manifestações que se seguem:

“Ocorreu né, muitas tempestades, como meu irmão falou, praia ruim, a situação aqui é difícil, cada vez mais o mar está destruindo as praias, está derrubando o rancho, para nós cada ano está ficando difícil” (Pescador A). O pescador está se referindo à elevação do nível do mar que vem avançando em direção aos ranchos de pesca nos últimos anos. Aliás, ao longo da costa brasileira, essa é uma questão que vem se intensificando. Para Souza (2009, p. 55), o aumento do nível é “consequência da elevação da Temperatura Média Global que provoca uma expansão volumétrica nas águas dos oceanos”.

“Sim, credo bota mudança nisso, o mar está crescendo, estamos ficando sem praia, cada ano que passa o mar vai crescendo, vai destruindo a praia toda, e o mar anda muito agitado ultimamente”. (Pescador C)

“Teve, teve muitas, muitas coisas, muitas dificuldades, muita coisa, aqui quanto mais na nossa praia, o que está correndo aqui nos ambientes na nossa praia aí, está uma coisa de louco né” (Pescador D).

É notável, nas falas acima, que estes pescadores observaram diversas mudanças que ocorreram ao longo dos anos. Em contato com o ambiente, eles percebem como o ambiente está em contínua mudança.

Merleau-Ponty (2011, p. 68, grifos do autor) elucida que a percepção, “[...] enquanto unidade, se desfaz e se refaz sem cessar. [...] A cada momento a consciência refaz os seus passos, os contrai e os fixa em um objeto identificável, passa pouco a pouco do ‘ver’ ao ‘saber’, e obtém a unidade de sua própria vida”.

Nos últimos anos o aumento da população e a crise ambiental tem gerado ainda maior preocupação. A ocorrência de diversos problemas ambientais vem assolando não só a escala local, mas também regional e global. Cabe destacar que o aquecimento global, a inversão térmica, as ilhas de calor, aumento do nível do mar, chuva ácida e desertificação são apenas alguns dos problemas que as populações desse planeta têm sofrido.

Outrossim, esses problemas têm trazido sérios problemas para a comunidade no entorno e também são citados pelos pescadores abaixo.

“Bastante, bastante, não só aqui na Imbituba, mais é Praia da Vila, Itapirubá, Ibraquera, Ribanceira, isso aí o mar está derrubando tudo”. Esse

pescador percebe que o problema vem afetando não somente o seu bairro, mas também os demais bairros da cidade, afetando quase toda a região litorânea.

Na fala dos pescadores C e D, a seguir, percebe-se que a comunidade onde eles residem possui diversos problemas ambientais: *“Sim, a dificuldade de puxar um barco, não tem como puxar um barco ali, está um barranco só, e cada vez está pior, cada vez mais temporal, mais mar alto, e está muito difícil de pescar ultimamente, quem pesca um dia, em uma semana não pesca por causa do vento, mar ruim, está difícil agora, esse ano está difícil”* (Pescador C). Assim, conforme argumentam Ramires et al (2012), a pesca está restrita ao ambiente de captura do pescado, e este ambiente sofre diversas mudanças ao longo do tempo. Desta forma, vários fatores dificultam os pescadores de ir ao alto mar, como mau tempo, disponibilidade de pescado dentre outras características

“Muita, muitos problemas, nossa comunidade está cheia de problemas, uma é esse esgoto que já sai na praia já é um problema muito grande para as pessoas, porque o esgoto que vem lá da cidade, vem dessa outra cidade aqui, e dessa nossa cidade região aqui, que maior parte quem mora ali perto, isso tudo aí está se juntando e indo pra [sic] onde? Tudo pro [sic] mar né. Não é verdade, então é uma coisa que isso aí não devia acontecer, isso aí para outro ambiente para outro lado, esse esgoto lá atrás do hospital junto com aquela outra lagoa, e aqui nessa nossa região está vindo tudo para cá né, então isso aí tudo prejudica a gente” (Pescador D).

Ou seja, está claro para os pescadores que inúmeras alterações ambientais têm afetado consideravelmente a pesca, a natureza e a vida dos seres que habitam as regiões litorâneas. Para Maldonado (1986, p. 37) com todos os conhecimentos, os pescadores artesanais “são plenamente capazes de opinar adequadamente a respeito do impacto desses elementos sobre o meio ambiente”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou compreender a percepção dos pescadores artesanais, da região de Imbituba, acerca dos saberes locais, herdados, construídos e transmitidos ao longo dos anos.

Sabe-se da importância dos saberes acumulados pelas comunidades ao longo dos anos. Quando se foi a campo, possuíam-se algumas hipóteses: que os saberes que esses pescadores possuem foram herdados das gerações anteriores e que os mesmos não se reconheciam como atores perpetuadores de saberes locais.

Constatou-se que os pescadores entrevistados possuem um conhecimento relacionado à pesca, que foi repassado de geração em geração ao longo dos anos. O convívio com os familiares que trabalhavam na pesca fez com que estes extraíssem diversos saberes sobre a pesca e a natureza que utilizam até os dias atuais.

O conhecimento empírico que os entrevistados possuem sobre a pesca e a dinâmica do meio ambiente é notório, fundamentado nas vivências do dia a dia, saberes estes fundamentais, e, se não preservados ou transmitidos de alguma forma, correm o grande risco de serem perdidos ao longo do tempo.

Por meio das entrevistas, percebeu-se que os pescadores sentem um grande prazer ao partilhar os conhecimentos que possuem. É importante enfatizar que estes pescadores não percebem a pesca como uma atividade que detém e produz conhecimentos, pois, para grande parte dos entrevistados, se a pessoa “não possui estudos” deve buscar na pesca uma forma de sustento, visando à sobrevivência. Assim, a pesca serve apenas como um meio de contribuição financeira e não como um espaço/atividade que promove a construção de saberes, onde se pode extrair diversos saberes.

Um dos fatos marcantes e preocupantes é que estes pescadores, na maioria das vezes, não aconselham os jovens/filhos a participarem da pesca, pois, para eles, quem vive da pesca está sujeito a intempéries do dia-a-dia, pois, além de ser um serviço difícil, está sujeito às dinâmicas impostas pela natureza, como mudanças do tempo, dentre outros, o que torna essa atividade ainda mais trabalhosa.

Assim, o estudo desses saberes locais, além de importante sob o ponto de vista da preservação da cultura do pescador artesanal e, portanto, como requisito à diversidade dos saberes à Educação Ambiental, constitui-se, também, em um elenco de possibilidades que se apresentam ao processo educativo no ensino de geografia; como a propositiva de agregar Educação Ambiental e o “estudo do meio”, esta última destacada neste estudo pelo trabalho de Luiz Alberto de Souza Marques, que, através dele, por meio de uma abordagem interdisciplinar, o aluno terá o contato direto com o ambiente a ser estudado, contribuindo, assim, para uma melhor efetivação dos processos de ensino-aprendizagem.

Sabe-se que, no currículo da geografia, existem diversos conceitos relacionados ao ambiente e dinâmica das áreas litorâneas que devem ser mediados aos alunos. Logo, essas comunidades e escolas podem estabelecer uma ponte entre os sujeitos e os discentes ocorrendo uma troca de conhecimentos entre eles.

Assim, incorporar o estudo da percepção, a Educação Ambiental e os saberes locais desses pescadores à realidade e currículo escolar favorecem não somente a redução do distanciamento entre a comunidade litorânea, seus pescadores e a escola, como também, a construção do sentimento de pertencimento de todos aqueles que se dizem seres moradores/trabalhadores/estudantes do litoral. Assim como o repensar da formação dos sujeitos. Formação essa que exige outro olhar, pensar e agir na direção dos pescadores artesanais do litoral, aproximando-os de nossas escolas e vice-versa. Os trabalhos de Samira Martins Pereira, Elaine Machado Silveira, Fátima Elizabeti Marcomin e Michèle Sato, na região litorânea, assim como os inúmeros outros desenvolvidos ao longo do litoral brasileiro sinalizam nessa direção. Acredita-se que a estes somar-se-á esse e muitos outros cuja intenção não visará nunca o esgotar do tema, na verdade constitui-se uma contribuição.

Assim, enquanto ser em formação, considero que se faz necessário considerar a Educação Ambiental em todo processo formativo, pois necessitamos estar à frente e sensibilizados quanto à temática socioambiental. É necessário que haja educadores capazes de discutir as questões e buscar um modo de solucioná-las como argumentam as/es professoras/es Marta Tristão, Mauro Guimarães, Michele Sato e tantos outros em suas obras.

Ao contemplar os saberes locais, a percepção e a Educação Ambiental, num trabalho de conclusão de Geografia, acreditamos que abrimos espaços de

áreas do conhecimento e saberes, que se entrelaçam, e juntas não se distanciam jamais do ambiente que permeia e circunda os seres humanos.

Desse modo, o trabalho não se dá por encerrado. Nesse momento é uma etapa, em pausa por conta das necessidades e exigências de um Trabalho de Conclusão de Curso. Mas, deseja-se e espera-se que, em um futuro próximo, possa ser aprofundado, trazendo novos questionamentos, percepções e inúmeros outros desafios.

REFERÊNCIAS

- ABDALLAH, Patrícia R. e BACHA, Carlos José Caetano. **Evolução da atividade pesqueira no Brasil: 1960-1994**. In: Teor. Ev. Econ. Passo Fundo. V.7, n.13, p. 9-24, nov 1999.
- ALMEIDA, Maria da Conceição X. de. **Previsões do tempo: ecossistema e tradição**. In: Galante: Fundação Hélio Galvão. Natal, n. 14, vol. 2, agosto/2002.
- ANDREOLI, Vanessa Marion. **NATUREZA E PESCA: Um estudo sobre os pescadores artesanais de Matinhos – PR**. Curitiba, 2007.
- BOFF, Leonardo. Carta da Terra. In: SATO, Michele. (Org.). **Eco-Ar-Te para o reencantamento do mundo**. São Carlos: RiMa Editora, FAPEMAT, 2011. p. 11-20.
- BRAGA, Rafael Nunes, MARCOMIN, Fatima Elizabeti. **Percepção ambiental: uma análise junto a moradores do entorno da Lagoa Arroio corrente em Jaguaruna, Santa Catarina**. Revista Eletrônica Mestrado em Educação ambiental. v. 21, p. 236-257, jul./dez. 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O vôo da arara azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2007.
- BRASIL. Resolução n. 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Diário Oficial da União, Brasília, n. 116, seção 1, p. 2. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/17810-2012-sp-1258713622>. Acessado em: 01/07/2017.
- _____. **LEI No 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**, Brasília, DF, abril de 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm> Acessado em: 10/11/2017.
- _____. **Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA)**, 2005. Disponível em: < http://mma.gov.br/images/arquivo/80221/pronea_4edicao_web-1.pdf> Acessado em: 10/11/2017.
- CARDOSO, Eduardo Schiavone. **Pescadores Artesanais: Natureza, Território, Movimento Social**. Tese de Doutorado, 143 p., Universidade de São Paulo, SP, São Paulo.2001 Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-14012003-160032/pt-br.php>.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.
- COSTA, Paula Gabriela da; RIVA, Poliana Barbosa da; OBARA, Ana Tiyomi; SUZUKI, Harumi Irene; TAKEMOTO, Ricardo Massato. **Saberes etnoecológicos**

dos pescadores artesanais e alunos da planície alagável do alto rio Paraná. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E - ISSN 1517-1256, V. Especial, maio, 2014.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas.** 8ªed., São Paulo: Gaia, 2003.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **Povos e mares: leituras em sócio-anthropologia marítima.** São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

_____. **A Pesca Artesanal no Litoral Brasileiro: Cenários e Estratégias para sua Sobrevivência.** Instituto Oceanográfico. Cidade Universitária: São Paulo, 1988.

_____. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar.** São Paulo: Ática, 1983.

EPAGRI. **Diagnóstico da pesca artesanal em Santa Catarina.** Florianópolis, 2004. Relatório.

EPAGRI. **Síntese anual da agricultura em Santa Catarina 2004-2005.** Relatório. Disponível em www.epagri.sc.gov.br. Acesso em 01 jun 2007. Florianópolis: EPAGRI, 2005.

FAGGIONATO, Sandra. **Percepção Ambiental. Programa Educ@r. USP: São Paulo.** 2005. **Não Paginado.** Disponível em <http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html#percepcao >. Acesso em 09 de setembro de 2017.

FORGUS, Ronald H. **Percepção: o processo básico do desenvolvimento cognitivo.** São Paulo: Herder, 1971

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; Anca/MST, 2004.

_____. **Pedagogia da Esperança.** 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 37 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DE RECURSOS VIVOS NA ZONA ECONÔMICA EXCLUSIVA. **Relatório técnico sobre o censo estrutural da pesca artesanal marítima e estuarina nos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.** Itajaí, 2005. 151p. Convênio SEAP/IBAMA/PROZEE. Disponível em: www.ibama.org.br/rec_pesqueiros. Acesso em: 02 set. 2007.

GIL, Antonio.Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de Educadores Ambientais**. Papirus: Campinas, 2004.

_____, Abordagem relacional como forma de ação. In: GUIMARÃES, M. (Org.) **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 9 – 16.

HERDT, Samyra Orben. **A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E A AGROECOLOGIA NO MUNICÍPIO DE SANTA ROSA DE LIMA, SANTA CATARINA**. UNISUL, 2013. Disponível em: <https://riuni.unisul.br/handle/12345/548>. Acessado em: 27/09/2017.

HERDT, Samyra Orben; MARCOMIN, Fátima Elisabeti. **Perscrutando o educador de cada um: uma vivência à luz da percepção de agricultores agroecológicos**. Revista de Educação Pública, UFMT, v.24, n.57 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1364>> Acessado em: 12/11/2017.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi. **Desatando nós: associativismo civil, democracia e empoderamento na colônia de pescadores de Matinhos, Paraná**. Tese de Doutorado – UFSC: Florianópolis, 2007.

KUHNEN, Ariane. Percepção Ambiental. In: CAVALCANTE, et al. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. P. 250, 267.
LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação Ambiental repensando o espaço da cidadania** . São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. Série princípios. São Paulo: Ática, 1986.

MARCOMIN, Fatima Elizabeti; SATO, Michèle . Percepção, Paisagem e Educação Ambiental: uma investigação na região litorânea de Laguna-SC, Brasil. **Educação em Revista (UFMG)**, v. 32, p. 159-186, 2016.

MARCOMIN, Fatima Elizabeti. **Percepção, paisagem e educação ambiental: uma abordagem integrativa**.. 2012. (Relatório de pesquisa Estágio Pós-Doutoral). Cuiabá: UFMT, 2012.

MARIN, Andreia Aparecida. **Pesquisa em Educação Ambiental e percepção ambiental**. PR, 2008. Disponível em: <http://journals.usp.br/pea/article/viewFile/30047/31934>. Acessado em: 02/07/2017.

MARION, Cristiano Vinicius. **A Questão Ambiental e Suas Problemáticas Atuais: Uma Visão Sistêmica da Crise Ambiental**. Santa Maria, RS, 2013. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2013/5-4.pdf>>. Acessado em: 01/07/2017.

MARQUES, José Geraldo W. **Pescando Pescadores: Ciência e Etnociência em uma Perspectiva Ecológica**. São Paulo: NUPAUB-USP. 2001.

MARQUES, Luiz Alberto de Sousa. **Estudo do meio: Descobrimo e revelando espaços, tempos e saberes: ensino de história e geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

MARTINS, Manoel de Oliveira. **Imbituba: história e desenvolvimento**. Imbituba: Editora Ribeiro, 1978.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. Ed. São Paulo, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de S. (2010). **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco.

MORAES, Roque ; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação** . v. 12, n. 1, p. 117 – 128, 2006.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

MOTTA, Alexandre de M. **Metodologia da Pesquisa Jurídica: o que é importante saber para elaborar a monografia jurídica e o artigo científico**. Tubarão, 2012.

MULLER, Vera Lúcia Scheidmandel - ARAUJO, Daniel – FARIAS, Maria Eloisa. **Educação Ambiental e Formação de Professores: reflexão sobre a coleta seletiva do lixo escolar**. RS, 2003. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:dJfla-KWTOwJ:www.nutes.ufrj.br/abrapec/venpec/conteudo/artigos/1/doc/p878.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em: 02/07/2017.

NARCISO, Kaliane Roberta Santos. Uma análise sobre a importância de trabalhar Educação ambiental nas escolas. **Rev. Eletrônica do Mestrado em Educação ambiental**, Rio Grande, v. 22, p. 86-89, jan./jul. 2009.

PASQUOTTO, Vinicius Frizzo. **Pesca artesanal no Rio Grande do Sul: os pescadores de São Lourenço do Sul e suas estratégias de reprodução social**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PGDR/UFRGS, 2005. 166p.

PAULO JÚNIOR, Eugenio Pacelli Nunes; XAVIER, Josias Henrique de Amorim; SASSI, Roberto; ROSA, Ricardo de Souza. **Gestão da pesca artesanal na Costa da Paraíba, Brasil: uma abordagem utilizando o processo analítico hierárquico.** Revista da Gestão Costeira Integrada, 2012.

PENNA, Antônio Gomes. **Percepção e realidade: introdução ao estudo da atividade perceptiva.** 3. ed. São Paulo: Mercurio Star, 1982.

PEREIRA, Bárbara Elisa; DIEGUES, Antonio Carlos. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010.

PEREIRA, Samira Martins. **O TRANSITAR DE SABERES POPULARES DE PESCADORES ARTESANAIS NA ESCOLA.** Tubarão SC, 2014. Disponível em: http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/109278_Samira.pdf. Acessado em: 02/07/2017.

PIDNER, Flora Sousa. **Diálogos entre ciências e saberes locais: dificuldades e perspectivas.** Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

PINTO, Erica Fernandes. MARQUES, José Geraldo W. Conhecimento etnoecológico de pescadores artesanais de Guaraqueçaba (PR). In: DIEGUES, A. C. S (Org.). **Enciclopédia Caiçara**.v. 1. Núcleo de Apoio a pesquisa sobre Populações humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB). USP. Ed. Hucitec. São Paulo, 2004.

PMI – **PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA.** Município. 2009. Disponível em: <http://www.imbituba.sc.gov.br>.

RAMIRES, Milena, BARRELLA, Walter, ESTEVES, Andréia Martucci. **CARACTERIZAÇÃO DA PESCA ARTESANAL E O CONHECIMENTO PESQUEIRO LOCAL NO VALE DO RIBEIRA E LITORAL SUL DE SÃO PAULO.** 2012.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de pesquisa.** Rio do Sul: Nova Era, 2006.
RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Mariana Lima; MALHEIROS, Tadeu Fabrício; FERNANDES, Valdir; DARÓS, Taiane Dagostin. **A percepção ambiental como instrumento de apoio na gestão e na formulação de políticas públicas ambientais.** Saúde Soc. São Paulo, v.21, supl.3, p.96-110, 2012.

ROSA, Luciene Gonçalves; SILVA, Monica Maria Pereira. 2002. **Percepção ambiental de educandos de uma escola do ensino fundamental.** 6º Simpósio Ítalo Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 2002.

RUSCHEINSKY, Aloísio; COSTA, Adriane Lobo. **A educação ambiental a partir de Paulo Freire.** In: RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). Educação ambiental: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 73 – 89.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica.** Secretaria do Estado da Educação, 2014.

SANTOS, Erivaldo Pedrosa. **Educação Ambiental e Cidadania: cenários brasileiros.** Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** Hucitec, São Paulo, 1996. (3ª edição: 1999).

SATO, Michele. **Educação Ambiental.** São Carlos: Rima, 2004.

_____, **debatendo os desafios da educação ambiental.** In I Congresso de Educação Ambiental Pró Mar de Dentro. Rio Grande: Mestrado em Educação Ambiental, FURG & Pró Mar de Dentro, 17-21/maio/01.

SATO, Michele.; SANTOS, J. E. Tendências nas pesquisas em educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania.** São Paulo: Cortez, 2003.

SEGURA, Denise de S. Baena. **Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica.** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

SENRA, Ronaldo Eustáquio Feitosa.; SATO, Michele. Antipedagogismo e Educação ambiental. **Rev. Eletrônica do Mestrado em Educação ambiental**, v.19, p. 165-180, jul./dez. 2007.

SILVA JÚNIOR, Sebastião Rodrigues da **A PESCA ARTESANAL E O FUNDO CONSTITUCIONAL DO NORTE.** Bragança, PA, 2008.

SILVA, Adriano Prysthon da. **Pesca artesanal brasileira. Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos.** Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento. Embrapa, ISSN 2358-6273 Fevereiro, 2014.

SILVA, Maurizete da Cruz, OLIVEIRA, Adão Sales, NUNES, Gleybison de Queiroz. **CARACTERIZAÇÃO SOCIECONOMICA DA PESCA ARTESANAL NO MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, ESTADO DO PARA.** Amazônia: Ci. & Desenv., Belém, v. 2, n. 4, jan./jun. 2007.

SILVEIRA, Elaine Machado. **Saberes Locais e Escola: Entre olhares, diálogos e encantos.** Tubarão SC, 2014. Disponível em: http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/108304_Elaine.pdf. Acessado em: 02/07/2017.

SILVEIRA, Elaine Machado; SERAFIN, Selma Regina Fontanella; SIQUEIRA, André Boccasius. **Etnoecologia da pesca artesanal na lagoa do Mirim, SC.** X congresso Nacional de Educação. 2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5071_3589.pdf. Acessado em: 18/11/2017.

TORRES, Denise Freitas; OLIVEIRA, Eduardo Silva de. Percepção ambiental: instrumento para Educação ambiental em unidades de conservação. **Rev. Eletrônica Mestrado em Educação ambiental**, Rio Grande, UFRG, v. 21, p. 227-235, jul./dez. 2008.

TRISTÃO, Martha. **Educação Ambiental**: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TUAN, Y. Fu. **Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Ed. Difel: São Paulo, 1980. 288 p.

ZANON, Natalia Gladcheff. **Algumas contribuições de paulo freire para uma educação ambiental crítica em contexto escolar**. Universidade Federal de São Carlos. 2011.

ZERLOTTI, Patrícia Honorato. **OS SABERES LOCAIS DOS ALUNOS SOBRE O AMBIENTE NATURAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO CURRÍCULO ESCOLAR: UM ESTUDO NA ESCOLA DAS ÁGUAS – EXTENSÃO SÃO LOURENÇO, NO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL**. MS, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista

Dados Gerais:

Nome:

Onde mora:

Onde nasceu:

A vida em sim:

- 1- Se o senhor tivesse que se descrever como pessoa, como o senhor se descreveria?
- 2- Quando começou sua relação com a pesca?
- 3- O que o senhor acha que aprendeu com a pesca?
- 4- Esses conhecimentos todos o senhor aprendeu com quem?
- 5- De que maneira? Com que idade?
- 6- Esses conhecimentos sobre a pesca, o senhor aprimorou/melhorou/desenvolveu mais ao longo dos anos?
- 7- Esses conhecimentos, o senhor tem conseguido transmitir para mais alguém? Quem? Como?
- 8- E com a natureza o senhor acha que aprendeu alguma coisa? O quê?
- 9- Em relação aos conhecimentos sobre a natureza o senhor aprimorou/melhorou/desenvolveu mais ao longo dos anos?
- 10- Esses conhecimentos sobre a natureza, o senhor conseguiu ensiná-los para alguém? Como?
- 11- Na educação dos seus filhos, sobrinhos, netos, vizinhos/conhecidos o senhor acha que os seus conhecimentos estão sendo transmitidos de alguma forma? Como?
- 12- Esses conhecimentos, todos da pesca, da natureza, o senhor acha que eles são importantes para as crianças e jovens de hoje? Por quê?
- 13- O senhor acha, que de alguma forma, contribui para que os conhecimentos que possui se mantenham vivos?
- 14- O senhor acha que esses conhecimentos deveriam ser trabalhados na escola? De que forma? Por quê?

- 15-Para o senhor, ocorreram mudanças no ambiente ao longo dos anos? Caso afirmativo, que mudanças foram essas?
- 16-O senhor acha que essas mudanças trouxeram problemas para sua comunidade? Caso afirmativo, quais?
- 17-Há algo que gostaria de comentar que não foi perguntado?

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Olá, meu nome é Josué Silva Sabino, sou estudante do curso de Geografia da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina). Venho através deste, convidá-lo para participar de uma pesquisa intitulada “**Pescadores Artesanais da Praia do Porto Imbituba/SC: a percepção acerca dos saberes locais**”. Consideramos aqui saberes locais, todos os seus conhecimentos adquiridos e construídos ao longo do tempo.

Sabe-se que a pesca faz parte do cotidiano de muitos moradores e que as pessoas envolvidas nesta atividade possuem muitos conhecimentos, importantes. A presente pesquisa tem como objetivo “Compreender como os pescadores artesanais da Praia do Porto do Município de Imbituba/SC, aprendem, constroem e transmitem os saberes/conhecimentos que adquirem ao longo dos anos”. Para que este objetivo possa ser alcançado, gostaria de contar com sua contribuição/participação compartilhando os seus conhecimentos sobre a natureza, a pesca, a vida dos pescadores conversando conosco. Isso será feito por meio de uma entrevista individual, no local e horário indicado pelo participante da entrevista. Esta será gravada a partir de sua prévia autorização e assinatura. A entrevista, que durará pelo tempo máximo estabelecido pelo entrevistado, será composta de perguntas e nenhuma delas causará transtorno, embaraço ou constrangimentos ao entrevistado.

Salientamos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar deste estudo. Você também pode recusar-se ou desistir de participar, sem prejuízo ou constrangimento, em qualquer momento da pesquisa.

Os resultados deste estudo serão utilizados no âmbito acadêmico, junto a instituições de ensino, somente para fins de divulgação da pesquisa e/ou com vistas a contribuir para a perpetuação dos saberes das comunidades estudadas. Ao finalizar os estudos, os resultados estarão disponíveis para a consulta do entrevistado. Sinta-se à vontade para solicitar esclarecimentos em qualquer momento da pesquisa entrando em contato com o aluno pessoalmente ou por meio dos telefones: Josué Silva Sabino 48 99942-8063 e 48 3255-2997.

Sua imagem e voz, mediante autorização, serão empregadas somente nesse estudo e, se preferir, ocultando sua identificação.

Após ter sido esclarecido sobre a pesquisa, como será feita, do direito que tenho de não participar e/ou de desistir a qualquer momento sem prejuízo para mim e de que minha imagem e voz serão empregadas somente neste estudo, eu concordo em participar desta pesquisa.

Nome do sujeito participante da pesquisa

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Imbituba ____ de ____ de 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de filmagens e fotografia, vídeos e gravações



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E
GRAVAÇÕES

Eu _____ permito que os pesquisadores relacionados abaixo, responsáveis pela pesquisa intitulada “**Pescadores artesanais da Praia do Porto Imbituba/SC: a percepção acerca dos saberes locais.**” obtenham:

- () fotografia,
- () gravação de voz,
- () filmagem ou gravação em vídeo de minha pessoa para fins de pesquisa educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Josué Silva Sabino
 Telefones do pesquisador: 48 9942-8063 – 48 3255-2997

Imbituba. _____